



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS

ANDRÉ PEREIRA DA SILVA
VILSON RAMOS DOS SANTOS NOGUEIRA

**OS USOS DAS FORMAS PRONOMINAIS *MIM* E *EU* DESEMPENHANDO A
FUNÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE DE FALA DE JACOBINA-BA: UMA
ANÁLISE VARIACIONISTA**

JACOBINA-BA

2018

ANDRÉ PEREIRA DA SILVA
VILSON RAMOS DOS SANTOS NOGUEIRA

**OS USOS DAS FORMAS PRONOMINAIS *MIM* E *EU* DESEMPENHANDO A
FUNÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE DE FALA DE JACOBINA-BA: UMA
ANÁLISE VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia - UNEB,
Departamento de Ciências Humanas - Campus
IV/Jacobina, como requisito para obtenção de título
de graduado no curso de licenciatura em Letras
Vernáculas, com habilitação em Língua Portuguesa
e Literaturas.

Orientador: Prof^o. Me. Leandro Almeida dos Santos
(UNEB)

Coorientador: Prof^o. Me. Tadeu Luciano Siqueira
Andrade (UNEB)

JACOBINA-BA

2018

**ANDRÉ PEREIRA DA SIVA
VILSON RAMOS DOS SANTOS NOGUEIRA**

**OS USOS DAS FORMAS PRONOMINAIS *MIM* E *EU* DESEMPENHANDO A
FUNÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE DE FALA DE JACOBINA-BA: UMA
ANÁLISE VARIACIONISTA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DEFENDIDO E APROVADO COMO REQUISITO
PARCIAL A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE GRADUADOS EM LETRAS PELA
BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA POR:**

Professor Me. Leandro Almeida dos Santos (UNEB)
Professor Me. Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNEB)

Professora Me. Rubia Mara Lapa (UNEB)

Professora Dra. Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

JACOBINA – BA

2018

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, que nos incentivaram a ingressar à universidade, bem como a permanecer até a conclusão do curso. Agradeço-lhes por compreender os momentos em que ficamos ausentes do ambiente familiar devido aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer ao Senhor nosso Deus, por estar presente em todos os momentos de nossas vidas, agraciando-nos com saúde, paz e sabedoria para alcançarmos os objetivos desejados na universidade.

Felicitemos nossas esposas, Larissa Nogueira e Maria Ivonete, que nos apoiaram durante todo o período que durou a licenciatura.

Agradecemos aos nossos pais e irmãos pelas orientações e paciência que tiveram para conosco ao longo de uma vida.

Aos professores orientador Professor Me. Leandro Almeida dos Santos e coorientador Professor Me. Tadeu Luciano Siqueira Andrade que nos orgulharam pela capacidade intelectual, comprometimento e preocupação com o ensino-aprendizagem dos discentes. Através do profissionalismo do professor Tadeu Luciano Siqueira Andrade, exercido no *campus*, despertou-nos o interesse em estudar e compreender os fenômenos linguísticos. Reconhecemos a boa vontade dos professores em nos acolher como orientandos, prestando suporte nos estudos teóricos e metodológicos para desenvolvermos nosso projeto de pesquisa.

A todos nossos companheiros de curso, especialmente os amigos Cleiton Pereira, Amanda Miranda e Mariana Mesquita, que sempre foram solícitos em contribuir com o nosso crescimento intelectual.

Por fim, agradecemos a todos os professores, corpo técnico e demais funcionários do *campus*, que dedicam grande parte do tempo de suas vidas ao pleno funcionamento do Campus IV.

RESUMO

O presente trabalho descreve as variações dos pronomes *mim* e *eu* na função de sujeito, fenômeno observado na oralidade dos informantes moradores do município de Jacobina-BA. Percebe-se, na fala dessa comunidade, a ocorrência do pronome *mim* desempenhando a função de sujeito na oração. Fato que contraria a norma prescritiva da língua portuguesa. Os fenômenos descritos neste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – são embasados pela teoria Sociolinguística Variacionista de Labov (1972 - 1994). O *corpus* desta pesquisa é composto de dados extraídos de conversas gravadas de forma espontânea, sendo as pessoas oriundas da cidade de Jacobina. A amostra do TCC é composta por 12 entrevistas, as quais os informantes narram experiências vivenciadas por eles desde a infância até os dias atuais. Foram selecionados cidadãos do sexo masculino e feminino, com as seguintes faixas etárias: 14 anos a 28 anos (faixa I) e 29 anos a 75anos. Os níveis de escolaridades dos entrevistados são, respectivamente: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Universitário. Do ponto de vista da variação e mudança, verificou-se uma maior ocorrência do pronome *mim* desempenhando a função de sujeito, quando se trata de um discurso informal ou não policiado. Outro aspecto relevante na incidência de uso do pronome foi a questão sócio-cultural, tendo em vista que foram entrevistadas pessoas com baixa renda, em que a formação escolar foi através de instituições públicas. A inobservância das regras gramaticais em relação ao emprego dos pronomes está influenciando na escolha da variante estigmatizada, pois os que estudam ou estudaram não conseguem distinguir a modalidade padrão da inovadora.

Palavras-chave: Pronomes. Sociolinguística. Variação e Mudança. Português Brasileiro.

ABSTRACT

The present work describes the variations used in the pronouns *mim* and *eu* in the subject function, a phenomenon observed in the orality of the city of Jacobina-BA. It is noticed in the speech of this community the occurrence of the pronoun *mim* performing the function of subject in a sentence. This observation is contrary to the standard of the language. The phenomena described in this Final Work of Conclusion are based on the Variationist Sociolinguistic theories of Labov (1972, 1994). The *corpus* of this research is composed of data extracted from spontaneously recorded conversations, with people coming from Jacobina. The sample of the work of conclusion of this Course is formed by twelve interviews, which relate narrations experienced in the daily. Male and female citizens were selected, with the following age groups: 14 years to 28 years (range I), above 28 years (range II). The levels of scholary of the interviewees are, respectively: Elementary, High School and Higher Education. From the point of view of variation, there has been a greater occurrence of the pronoun *mim* in the subject function, when it is an informal discourse or not a policed one. Another relevant aspect in the incidence of the use of the pronoun was the socio-cultural question, considering that people with low income were interviewed, in which the school education was through public institutions. The non-observance of grammatical rules regarding the use of pronouns is influencing the choice of the stigmatized variant, since those who study or have studied can not distinguish the standard form from the innovative one.

Keywords: Pronouns. Sociolinguistic. Variation and Change. Brazilian Portuguese.

LISTA DE FIGURA

Figura 1- Mapa do estado da Bahia.....	45
Figura 2 - Município de Jacobia-BA.....	46

LISTA DE TABELA

Tabela 1- A flexão de caso dos nomes em latim.....	29
Tabela 2- A flexão dos pronomes em latim clássico.....	30
Tabela 3- A flexão de caso dos pronomes em latim vulgar.....	30
Tabela 4- Descrição do perfil social dos informantes.....	49
Tabela 5- Total geral de ocorrências de uso das formas pronominais <i>mim/eu e ambos</i>	50
Tabela 6- Produtividade das respostas considerando a variável sexo.....	52
Tabela 7- Produtividade das respostas considerando a variável faixa etária.....	54
Tabela 8- Produtividade das respostas considerando a variável escolaridade.....	58

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Total geral de ocorrências de uso das formas pronominais <i>mim/eu e ambos</i>	51
Gráfico 2- Produtividade das ocorrências considerando a variável sexo.....	52
Gráfico 3- Produtividade das ocorrências considerando a variável faixa etária.....	55
Gráfico 4- Produtividade das ocorrências considerando a variável escolaridade.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO I: A SOCIOLINGÜÍSTICA	15
1.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA: NOÇÕES GERAIS	15
1.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA.....	18
1.3 CONTEXTUALIZANDO A SOCIOLINGÜÍSTICA NO BRASIL	19
1.4 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA	221
1.5 DESMITIFICANDO A TEORIA DO “CAOS”	233
1.6 FATORES QUE INFLUENCIAM NA VARIAÇÃO	25
1.7 MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	255
2 CAPÍTULO II: AS FORMAS <i>MIM</i> E <i>EU</i>	287
2.1 INFLUÊNCIA DO LATIM CLÁSSICO E VULGAR NO PORTUGUÊS	28
2.2 A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DOS AFRICANOS E INDÍGENAS NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL	31
2.3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS	Erro! Indicador não definido.
2.4 ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS ANTERIORES SOBRE O MESMO FENÔMENO.....	38
3 CAPÍTULO III: METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	41
3.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.2 JACOBINA: ASPECTOS SÓCIOHISTÓRICOS	42
3.3 COMUNIDADE DE FALA	47
3.4 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	47
3.5 USOS DAS FORMAS PRONOMINAIS <i>MIM/EU</i> NA FUNÇÃO DE SUJEITO: ANÁLISE DE DADOS.	49
3.5.1 CONTEXTO LINGÜÍSTICO	49
3.5.2 CONTEXTO EXTRALINGÜÍSTICO.....	51
3.5.2.1 A VARIÁVEL SEXO	52
3.5.2.2 A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA.....	54
3.5.2.3 A VARIÁVEL ESCOLARIDADE.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

De fato, pesquisar o comportamento de um fenômeno linguístico em uma comunidade de fala implica analisar fatores distintos internos e externos. Embora esses fatores sejam considerados diferentes, interrelacionam-se, uma vez que não podemos descrever a língua desvinculada do contexto em que está inserido o falante.

Neste trabalho, realizou-se uma análise sociolinguística na perspectiva teórico-metodológico da variação e mudança sobre o uso das formas *mim* e *eu* desempenhando a função de sujeito na comunidade de fala de Jacobina-Ba.

Com o ingresso à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, Curso de Letras Vernáculas, aprende-se que a língua sofre variação dependendo do sexo, contexto social, faixa etária, nível escolar, entre outros. Daí surgiu o seguinte questionamento: por que determinados falantes empregam o pronome oblíquo *mim* exercendo a função de sujeito? Por exemplo, *pra mim fazer/ pra mim cantar/ pra mim estudar/ pra mim brincar*, etc. E por que outros indivíduos empregam o pronome reto *eu* exercendo a função de sujeito na oralidade? Como por exemplo: *para eu fazer/ para eu cantar/ para eu estudar/ para eu brincar*, etc. Por qual motivo, até mesmo o falante de nível universitário, que se supõe dominar as regras da norma considerada padrão da língua portuguesa, emprega o uso do pronome oblíquo *mim* na função de sujeito, antes de verbo no infinitivo, principalmente no discurso informal? Dessa forma, contrariando à regra gramatical prescritiva, que diz: o uso do pronome oblíquo *mim* só pode desempenhar função de objeto e não de sujeito em uma oração. Por outro lado, este fenômeno linguístico pode ser explicado à luz da Sociolinguística, que estuda a relação entre língua e sociedade e que considera tais fenômenos supracitados como adequado ou inadequado, a depender do contexto ao qual o falante está inserido.

A pesquisa foi estruturada através da seleção de falantes voluntários da cidade de Jacobina-BA, separando-os por sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Em seguida, realizou-se uma entrevista aberta e informal, a qual o entrevistador solicitava aos informantes que falassem sobre as experiências vivenciadas por eles, desde a infância até os dias de hoje. Ao longo dessa conversa, foi observado o emprego oral das formas pronominais *mim* e *eu* exercendo função de sujeito. Analisaram-se os dados coletados nas entrevistas, transcrevendo as ocorrências.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído de narrativas de experiências vivenciadas pelos entrevistados e teve como objetivo apresentar dados da realidade linguística desta comunidade, observando o perfil discursivo do falar de quem é natural de Jacobina.

Fundamentando-se na perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Laboviana. Analisaram-se os fatores sociais que interferem nos usos da língua. Para essa pesquisa, foram selecionados 12 informantes, considerando-se as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Para tal pesquisa, adotou-se a seguinte metodologia: método qualitativo/quantitativo por entender que foram coletados apenas uma pequena amostra e análise da fala dos informantes da comunidade, no que tange ao fenômeno do uso das formas *mim* e *eu* exercendo a função de sujeito, sendo suficiente para alcançarmos o nosso objetivo. Neste estudo, analisou-se em que medida o fenômeno analisado é condicionado por fatores de natureza interna (linguísticos) e externa (extralinguísticos).

Para o desenvolvimento do tema delimitado nesta pesquisa, dividiu-se o trabalho em três capítulos: No primeiro capítulo, abordou-se sobre as noções gerais da Sociolinguística, conceituando-a como: um ramo da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade. Em seguida, foi mostrado um breve histórico sobre o estudo da variação linguística que, apesar de existir em tempos remotos, fixou-se na década de 60, nos Estados Unidos, com o Sociolinguista William Labov. Para compreender sobre a evolução da Sociolinguística no Brasil, fez-se necessário um aprofundamento teórico sobre os estudos de Tarallo. Mais tarde, as pesquisas de Dinah Callou, Hora, Matos e Silva e Cecília Mollica. Também, nesse capítulo, explica-se a teoria da variação e mudança, a qual, a variação pode ocorrer de três formas: covariação, variação em progresso e mudança. Ainda no primeiro capítulo, fala-se sobre o pressuposto teórico-metodológicos, no qual a Sociolinguística controla a variação considerando os fatores do ponto de vista social que interferem nos usos da língua, como também, os fatores que influenciam na variação, tais como: os fatores internos e externos da língua. Esses fatores possibilitam que um mesmo discurso possa ser dito de diversas formas sem sofrer nenhuma alteração de significado.

No segundo capítulo, realizou-se uma busca pelo contexto histórico sobre o Latim, identificando como eram classificados o sujeito e os pronomes em relação às declinações; foram apresentadas as mudanças do latim clássico para o vulgar, no que diz respeito à redução das declinações e alterações internas nos casos pronominais. Ainda neste capítulo, mostrou-se a importância que a influência dos povos vindos da África e os indígenas nativos tiveram na alteração do português trazido pelos colonizadores, motivos pelos quais, contribuíram decisivamente para a formação do português brasileiro. Em seguida, aprofundou-se o estudo sobre as formas pronominais *mim* e *eu* desempenhando cada uma o papel prescrito pela norma padrão e não-padrão. Na sequência, realizamos um comparativo sobre o que dizem as gramáticas a respeito do referido tema. Por fim, citam-se duas pesquisas sobre o fenômeno

da variação linguística referente ao uso das formas pronominais desempenhando função de sujeito em regiões distintas do país, com a finalidade de dialogar com o presente estudo realizado na comunidade de fala dos moradores da cidade Jacobina.

No terceiro capítulo, analisaram-se os pressupostos metodológicos, aspectos sociais e históricos, a comunidade de fala de Jacobina – BA, caracterização do *corpus* e delimitação espacial da pesquisa. Em seguida, discorreu-se sobre o uso das formas pronominais na função de sujeito e na sequência, realizou-se a análise e transcrição dos dados coletados, os quais deram embasamento para esta pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, apresentaremos os resultados fundamentados nos dados obtidos e nas discussões teóricas abordadas nos capítulos anteriores.

1 CAPÍTULO I: A SOCIOLINGUÍSTICA

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA: NOÇÕES GERAIS

A Sociolinguística é um ramo da Linguística que tem por objetivo estudar os usos da língua pelos falantes de uma determinada comunidade de fala, levando-se em consideração os aspectos variacionais do ponto de vista linguístico e social. Dessa forma, estabelece Mollica (2017):

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial o de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2017, p. 9).

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo visa responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (1) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também plural e heterogêneo para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (2) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (cf. LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968).

Segundo Coelho (2010), a atribuição de estatuto científico à Linguística costuma ser creditada a Saussure, no início do século XX. De fato, com a obra *Curso de Linguística Geral*, Saussure (1916) inaugura a Linguística Moderna, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem. Saussure é um marco da corrente linguística denominada de Estruturalismo, segundo a qual a língua é tomada em si mesma, separado de fatores externos; e vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Ainda de acordo com Coelho (2010), Saussure postula algumas dicotomias e vai isolando o que, segundo ele, seria de interesse da ciência Linguística. [...], a langue é homogênea e social, um sistema de signos, um ‘tesouro’ depositado, pela prática da fala, no

cérebro dos falantes; é essencial; já a parole é um ato individual de vontade, é heterogênea, manifestação concreta da primeira; é acessória e acidental.

O objetivo da Linguística, para Saussure, é a langue. Sincronia e diacronia correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto, como algo mutável, dinâmico.

É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. Saussure estabelece a seguinte relação entre essas dicotomias: os fenômenos variáveis não são visíveis na langue (que é social), mas na parole (que é individual). Embora delimitasse dessa maneira o objeto de estudo da linguística, Saussure admite que a língua seja um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo; porém, os fatores externos ao sistema são deixados de lado por ele. (COELHO, 2010, p.13-14).

Segundo COELHO (2010), sincronia e diacronia correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. É na perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua.

Dessa forma, Saussure concorda que a langue (língua) é um fator social, no entanto, discorda que seja heterogênea, mas homogênea. Para Saussure, é na parole (fala), fator voluntário do indivíduo, onde ocorre a heterogeneidade.

Nos Estados Unidos, a visão formal da língua ganha destaque, a partir da década de 60, com Noam Chomsky e a corrente denominada Gerativismo, segundo a qual a língua é concebida como um sistema de princípios universais; é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativismo é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. (COELHO, 2010, p.14).

O ponto de vista de Chomsky, em relação à língua, é que esta é inerente à condição humana, não sendo possível sofrer influências sociais, pois a língua seria a mesma para todos. Adquire-se conhecimento linguístico por meio da faculdade da linguagem (competência).

De acordo com as abordagens estruturalistas e gerativistas, percebe-se que a língua é considerada como uma realidade abstrata, desligada de fatores históricos e sociais.

Em discordância com as correntes ideológicas do estruturalismo e do gerativismo e em consonância com o pensamento de Meillet, “que toda e qualquer variação na língua é influenciada por fatores sociais”, e que surge, a partir da década de 60, a Sociolinguística Variacionista, fundada principalmente sobre as pesquisas do linguístico estadunidense, William Labov.

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é à base da constituição do ser humano (ALKMIN, 2001, p. 21).

Segundo Tarallo (1986), o iniciador do modelo de análise que se convencionou denominar “teoria da variação linguística”, que vem tratar de um modelo teórico-metodológico que assume o “caos” linguístico como objeto de estudo, é o americano William Labov [...]. O modelo de análise apresentado por ele apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente na própria língua falada.

Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts (Estados Unidos), vários outros se seguiram: estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966); a língua do gueto; estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, Nova Iorque, e estudos sociolinguísticos da Filadélfia, entre outros. (TARALLO, 1986, p. 7- 8).

Conforme Tarallo, o estadunidense, William Labov inicia seu modelo de análise convencionado “teoria da variação linguística” assumindo a existência da heterogeneidade na língua, pois segundo o mesmo, se a língua fosse de fato homogênea, não existiria o “caos linguístico” como objeto de estudo.

O termo Sociolinguística, relativo a uma área da linguística, fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se

constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona. Ao organizar e publicar, em 1966, os trabalhos apresentados no referido congresso sob o título *Sociolinguistics*, Bright escreve o texto introdutório “As dimensões da sociolinguística”, em que define e caracteriza a nova área de estudo. A proposta de Bright para a sociolinguística é a de que ele deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social”. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Segundo o referido autor, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística. (ALKMIM, 2001, p. 28).

Alkmim afirma ter sido nesse congresso de 1964, que fora fixado como área da linguística o termo Sociolinguística e estabelece o campo de estudo, atuações observáveis no comportamento de uma comunidade de fala, onde se relacionará os fatores sociais que diretamente vão acontecer às variações existentes na língua.

Com base na teoria variacionista de William Labov, a partir da década de 60, são iniciadas as pesquisas na área da Sociolinguística no Brasil, a princípio, no estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, as pesquisas foram se espalhando por todo o território nacional.

1.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A pesquisa na Sociolinguística Variacionista busca apreender a sistematicidade da variação, seu encaixamento linguístico e social e uma possível relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um *corpus* escolhido a partir de certas características sociais correlacionadas a uma variável linguística – que pode ser fonético-fonológica, morfossintática, entre outras.

O equacionamento da questão da variação pressupõe respostas para cinco problemas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1975]): a) Fatores condicionantes - buscam-se compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de ordem linguística. b) Encaixamento da variação – busca-se atentar para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social. c) Avaliação das mudanças – busca-se estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive interacionais, discursivas e

pragmáticas) envolvidas na fala. d) Transição – busca-se compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas co-existem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra. e) Implementação – busca-se analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas.

A Sociolinguística Variacionista trabalha com dados estatísticos, que são tratados quantitativa e qualitativamente. A dimensão quantitativa dos estudos variacionistas é conteúdo de relativa complexidade. Naro (2004) apresenta a evolução dos modelos matemáticos adotados por Labov na quantificação dos dados obtidos em seus primeiros estudos, os quais passaram de um modelo aditivo (da soma dos fatores contextuais de aplicação de uma variante) a modelos multiplicativos de aplicação e não aplicação, criados por Henrietta Cedergren e David Sankoff em 1974, nos quais se propôs uma interpretação probabilística que substituiu frequências por probabilidades. Em 1978, com Pascale Rousseau e David Sankoff, chegou-se ao modelo logístico, o qual engloba propriedades dos anteriores e acrescenta a noção de peso relativo. Este último é o modelo que vem sendo utilizado até hoje nos estudos variacionistas, denominado análise da regra variável, que consiste em um tipo de análise multivariada que objetiva separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística (GUY; ZILLES, 2006, p.39).

A Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa possui o modelo teórico-metodológico pautado na coleta de dados estatísticos. O objeto de estudo é a língua falada. Através de entrevistas, o pesquisador, procura extrair narrativas pessoais dos participantes, tendo olhar crítico sobre a existência ou não da ocorrência de variantes, como também de mudança linguística na fala dos entrevistados. A partir da delimitação do objeto (variante) que se quer analisar, têm-se os pressupostos para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística.

Segundo Figueroa (1996), quando se diz que a Sociolinguística é o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser mal interpretado. A Sociolinguística Laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*). (FIGUEROA, 1996, p.71).

1.3 CONTEXTUALIZANDO A SOCIOLINGUÍSTICA NO BRASIL

No Brasil, as pesquisas na área da Sociolinguística Laboviana tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 70, sob a orientação do professor Anthony Naro. Desde então, as linhas de pesquisa que se ocupam da descrição de fenômenos variáveis no português do Brasil (PB) se multiplicaram, espalhando-se pelas diferentes regiões do país. Na Universidade de Santa Catarina, por exemplo, o projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), que conta com um banco de dados de fala de informantes da região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) do país, para o desenvolvimento de pesquisas Sociolinguística. (COELHO, 2010, p. 23).

Quando se fala nos estudos sociolinguísticos no Brasil, destacam-se os trabalhos de Fernando Tarallo que descrevem alguns usos linguísticos na comunidade de fala de São Paulo, por exemplo, o uso das orações relativas copadoras, cortadoras e lembrete, com os pronomes pessoais e relativos.

Na década de 70, foi criado o *Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC)* que objetivava descrever a norma urbana culta falada em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre. Apesar de trabalhar com dados da norma urbana culta e com falantes de nível superior, o Projeto NURC apresentava um perfil sociolinguístico no Brasil, servindo de *corpus* para pesquisas atuais. As capitais cujos falantes foram analisados teriam que preencher os seguintes requisitos: população com mais de 100 anos de fundação. Na verdade, as demais regiões do Brasil, por não completarem os requisitos, não tiveram seus usos linguísticos analisados. Ressalta-se que apesar de a temática estar voltada para os estudos dialetológicos, destaca-se o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* como o primeiro trabalho de natureza científica que investigou os usos linguísticos na perspectiva da variação.

Na década de 90, um grupo de linguistas da Universidade Federal da Paraíba desenvolveu o Projeto de Variação na Paraíba, tendo como foco a comunidade de falantes da cidade João Pessoa (capital do Estado). Adotando a perspectiva da Sociolinguística Laboviana, considerando faixa etária escolaridade e gênero. O *VALPB* faz um recorte dos usos sociolinguísticos no falar da comunidade de João Pessoa. Nos últimos anos, destaca-se o *Programa de Estudo sobre o Uso da Língua (PEUL)* que analisa a fala do Rio de Janeiro envolvendo falantes de 1 a 11 anos de estudo, analisando todos os subsistemas linguísticos com ênfase nas propriedades morfossintáticas.

A língua é considerada uma forma de comportamento social. Isso é percebido quando são analisados os diversos tipos de discursos proferidos pelos falantes, das mais variadas camadas sociais, como também nas situações de fala em que se encontram. Uma criança que convive numa comunidade carente, sem acesso à educação e restrito ao contato de fala apenas aos mesmos integrantes dessa comunidade, ela internalizará um sistema linguístico estruturado, no entanto, esse comportamento não condiz com o estabelecido como o “exemplar”. Diferentemente, uma criança oriunda de uma camada social mais privilegiada, no que tange os aspectos econômicos e educacionais, interagindo com pessoas do mesmo âmbito social, terá um uso considerado “exemplar da língua”. Da mesma forma, o falante que possui a competência linguística, adequar-se-á as variações possíveis da língua, de acordo com o contexto situacional em que se encontra.

Esse modo de ver os fatos da língua se perpetuou durante mais de dois mil anos e só começou a ser criticado entre o final do século XIX e início do século XX, quando surge a Linguística moderna, que pretende ser uma visão científica da linguagem, um estudo descritivo e explicativo de todos os aspectos da língua. A visão tradicional queria ditar como a língua “deve ser”. A linguística moderna quer saber “como a língua é”. (BAGNO, 2007, p. 87).

Devido as mais variadas maneiras de se falar a mesma coisa, com o mesmo valor semântico, sendo diversas as formas de se alcançar o enunciado, percebeu-se que em todas as línguas existentes ocorrem variantes linguísticas, estimuladas por fatores estruturais e sociais. O português do Brasil é repleto de exemplos que comprovam a heterogeneidade da língua, tais como, “eu os vi/ eu vi eles, eles botam fogo/eles bota fogo, a gente vai no parque/nós vamos ao parque, entre outros. Por esses motivos supracitados é que a Sociolinguística tem como principal objetivo pesquisar, analisar e sistematizar os fenômenos ocorridos por meio da oralidade nas interações comunicativas de falantes de uma mesma comunidade. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais”. Assim afirma Mollica (2017), ao dizer: “A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. (MOLLICA, 2017, p. 9-10).

1.4 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade para nomear o mesmo referente. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado.

Segundo Coelho (2010), para estabelecermos uma distinção importante no que concerne à terminologia empregada nos estudos de variação: a distinção entre *variável* e *variante*. [...], a variação entre os pronomes *tu* e *você*, comumente chamamos de variável o lugar na gramática em que localizamos variação, de forma mais abstrata; no caso, a variável com a qual estamos lidando é a da expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que "disputam" pela expressão da variável – no caso, os pronomes *tu e você*. Existe ainda o conceito de variedade, que não deve ser confundido com o de variável ou o de variante. *Variedade* representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar.

Em toda comunidade de fala, são frequentes as formas linguísticas em variação. Essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa dentro de um contexto, e com o mesmo valor de significado. Há um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Vejamos um exemplo! No português falado no Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal (doravante SN; constituinte frasal mínimo, composto de um núcleo substantivo obrigatório, modificado por determinantes e adjetivos) encontra-se em estado de variação.

Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural SN. A essa variável corresponde duas variantes linguísticas, as adversárias no campo de batalha da variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/ e a variante (2), encontra partida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero”. [...]. A variação na marcação do plural no SN, portanto, toma as seguintes formas: as meninas bonitas; *as meninas bonita; as menina bonita*. (TARALLO, 1986, p. 8-9).

Tarallo (1986), para proporcionar um maior entendimento à cerca das diversas formas de se dizer ou falar a mesma coisa, dentro de um contexto e com o mesmo valor de verdade, denominado de variantes linguísticas. Dessa forma, ele expõe um exemplo referente à marcação do plural no sintagma nominal. Com isso, demonstra-se que independente do

falante usar as expressões *as meninas bonitas/ as meninas bonita/as menina bonita* haverá a comunicação entre os usuários da língua.

[...] a diferença entre as variantes padrão e não-padrão. As variantes padrão são, grosso modo, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não-padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não-padrão é muitas vezes estigmatizada por essa comunidade – pode haver comentários negativos a forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a serem conservadoras, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não-padrão tendem a ser inovadoras na comunidade. (COELHO, 2010, p.27).

Conforme Coelho (2010), no tocante as variantes linguísticas, existem duas formas que podem ser utilizadas pelos os usuários da língua, são elas: forma considerada padrão da língua e a forma considerada não-padrão. A forma padrão está atrelada a um conjunto de normas e regras que são impostas ao falante, enquanto às consideradas não-padrão se distanciam da norma e são utilizadas de maneira informal. As variantes padrão são mais conservadoras e as não-padrão possuem uma tendência de ser mais inovadora.

Ao considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/inovador, a teoria da língua pode observar a mudança linguística enquanto ocorre. Pela observação in vivo, podemos aprender coisas sobre a mudança linguística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado. Esta transição ou transferência de traços de um falante para outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá à medida que um falante aprende uma forma alternativa, durante o tempo em que as duas formas existentes em contato dentro de sua competência, e quando uma das formas se torna obsoleta. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 28).

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), a mudança linguística tem início quando o falante da língua possui contato com outros idiomas ou dialetos, com isso, há o emprego inicial de variantes linguísticas para se referir ao mesmo significado. Logo em seguida, há uma concorrência de uso entre as variantes e com o tempo pode ocorrer à prevalência de uma forma em detrimento a outra. Contudo, a estrutura linguística permanece com suas regras inalteradas mesmo havendo falares e estilos variados. Para os referidos autores, nem toda variação linguística implica em mudança. Entretanto, toda mudança linguística implica variação.

1.5 DESMITIFICANDO A TEORIA DO “CAOS”

A Teoria da Variação e Mudança fornece um instrumental metodológico que permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística.

Então, mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto há regras, sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos) a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis.

A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico. Um exemplo de regra que (até que se prove o contrário) é categórica no português é a da colocação do artigo em relação ao nome que ele determina – o artigo sempre aparece antes do nome; assim, dizemos *a casa*, mas nunca **casa a*. O aspecto cujo comportamento a Sociolinguística busca desvendar é quanto às regras variáveis da língua: as regras que permitem que, em certos momentos, em certos contextos linguísticos sociais, falemos de uma forma, e, em outros contextos, de outra forma.

O aparato teórico e metodológico da Sociolinguística surgiu, e até hoje vem sendo construído para que, com cada vez mais precisão, essa realidade, até então posta de lado nos estudos linguísticos, seja compreendida, levando-se em conta a influência não só dos elementos internos da língua, mas dos elementos externos a ela (o componente social mencionado acima).

Na abordagem laboviana, vale lembrar que o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade. As línguas são sistemas heterogêneos e não homogêneos, conforme postulavam Saussure e Chomsky, por entenderem a língua como um sistema homogêneo descrito apenas no que se refere à estrutura.

Tendo em vista que ainda se está falando em sistema, somos levados a assumir que a variação pode ser sistematizada. Não se trata, portanto, de um “caos linguístico”. Uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entender, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas. (COELHO, 2010, p.23).

Segundo Coelho (2010), o fato do falante do português brasileiro utilizar variantes que não estão enquadradas na norma de prestígio, não significa haver um “caos linguístico” na comunicação, já que se compreende o discurso entre as partes envolvidas na conversa. Essa afirmação é comprovada a partir do momento em que há um diálogo entre os interlocutores, mesmo sendo empregadas variantes diversas da norma padrão da língua portuguesa. Há

heterogeneidade nos falares entre os usuários do português brasileiro e o pleno domínio do que se fala para quem se fala, não importando se uma das partes emprega a norma padrão da língua e a outra se instrumentaliza através da forma estigmatizada.

1.6 FATORES QUE INFLUENCIAM NA VARIAÇÃO

A variação sociolinguística é influenciada por fatores internos e externos da língua. Esses fatores possibilitam que um mesmo discurso possa ser dito de diversas formas sem sofrer nenhuma alteração de significado. Promovendo, assim, alternativas ao falante da língua para que adapte o discurso ao contexto o qual está inserido. Entende-se por fatores internos aqueles inerentes à própria língua, tais como: variação lexical, fonética, morfológica, entre outros. Os fatores externos estão relacionados ao contexto social do indivíduo, ou seja, entre língua e sociedade, tais como: gênero/sexo; escolaridade; faixa etária, entre outros.

Portanto, como observou Mollica (2017), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Tarallo (1986) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, *a aplicação da regra de concordância nominal*, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes*. (TARALLO, 1986, p. 8).

Para Tarallo (1990), "o pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo." Para ele, a classe social se faz presente de maneira bastante explícita, uma vez que seu resultado está atrelado ao gênero.

1.7 MUDANÇA LINGUÍSTICA

Toda e qualquer língua sofre mudança na oralidade e na escrita com o passar do tempo. Na fala, fica evidente essa mudança, quando se observa um diálogo entre duas pessoas

com idades bem distintas, por exemplo, um jovem de 15 anos conversando com uma senhora de 70 anos. Consegue-se perceber o uso linguístico distinto entre os dois falantes no uso das escolhas lexicais, por exemplo, será comum o emprego de gírias pelo jovem, mas não pela senhora. Já a idosa, poderá empregar palavras que caíram em desuso no contexto linguístico atual, como, por exemplo, sutiã e não corpete, cueca e não ceroula. Fatos citados ajudam a comprovar a mudança no aspecto da fala no decorrer do tempo. Na escrita, que é outra forma de perceber a mudança, é observado o uso de normas gramaticais, principalmente as de tratamento formal por pessoas nascidas nas décadas de 40 e 50. Por exemplo, antigamente, as esposas se referiam ao marido por senhor e estes por senhora. Também na literatura, as poesias da época do trovadorismo empregavam vocábulos que hoje caíram em desuso, chegando, atualmente, a produzir enorme dificuldade em compreendê-las. Como exemplo, tem-se uma (cantiga de amor) de 1325, produzido por D. Diniz e exposto em:

O que vos Nunca Cuidei a Dizer

Dom Diniz

Cancioneiro da Biblioteca Nacional 526, Cancioneiro da Vaticana 183

O que vos nunca cuidei a dizer
 com gram coita, senhor, vo-lo direi,
 porque me vejo já por vós morrer,
 ca sabedes que nunca vos falei
 de como me matava voss'amor;
 ca sabedes bem que d'outra senhor
 que eu nom havia pavor nem hei.

E tod'aquesto mi fez fazer
 o mui gram medo que eu de vós hei,
 e desi por vos dar a entender
 que por outra morria de que hei,
 bem sabedes, mui pequeno pavor;
 e des oimais, fremosa mia senhor,
 se me matardes, bem vo-lo busquei.

E creede que haverei prazer
 de me matardes, pois eu certo sei
 que esso pouco que hei-de viver,
 que nenhum prazer nunca veerei;
 e porque são desto sabedor,
 se mi quiserdes dar morte, senhor,
 por gram mercee vo-lo terrei.

Fonte: Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?selct_action=&co_midia=2 – 10/11/2018. Acesso em: 10 nov. 2018.

O fato das línguas passarem por mudanças ao longo do tempo é algo que pode ser percebido de mais de uma forma. Uma delas é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na forma de falar de duas pessoas.

Além dessa maneira, acessível a todo falante de uma comunidade linguística, outro modo de percebermos a realidade da mudança linguística é entrarmos em contato com textos escritos ou falados de outras épocas. Embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto em sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada.

Quando a língua escrita já se encontra em um estado normalizado, sujeita às regras socialmente estabelecidas e estáveis, ela pode dá a impressão de que certas mudanças ocorrem em blocos e em saltos, o que não é verdade para todos os teóricos. O problema é que o contato com textos escritos de certa forma filtra bastante nossa percepção da ocorrência e mudança linguística. Se nos limitarmos à forma como a escrita registra a pronúncia dos sons e palavras do português, por exemplo, podemos constatar facilmente que já há algum tempo vários tipos de palavras tiveram uma pronúncia alterada, mas continuam a serem grafadas da mesma forma. Por exemplo, palavras como *ouro*, *beijo* ou *cadeira* não são mais pronunciadas pela maioria dos falantes com ditongos na sílaba tônica, mas continuam a ser grafadas dessa forma. Esse afastamento da língua escrita e da língua falada é algo normal e que pode ser verificado em qualquer língua que seja representada graficamente. (FIORIN, 2011, p.141).

2 CAPÍTULO: AS FORMAS *MIM* E *EU*

Para compreender pelos quais motivos a forma pronominal *mim* desempenha função sintática de objeto e a forma pronominal *eu* exerce a função de sujeito no enunciado, obrigatoriamente, conforme a norma prescritiva da língua. Como também, o emprego do *mim* como sujeito e *eu* como objeto é considerado um erro do ponto de vista da gramática prescritiva. Para dirimir as dúvidas sobre o que foi elencado, necessitou-se de um breve panorama histórico sobre o uso normativo dos pronomes no Latim Clássico, como também o que mudou deste para o Latim Vulgar. A formação do português brasileiro contou com a influência do latim, como também, com as contribuições de outras línguas, tais como: as línguas africanas, as indígenas e a dos portugueses que vieram colonizar o Brasil, além das línguas dos imigrantes.

Ainda neste capítulo, será aprofundado o conhecimento sobre a norma padrão gramatical em relação ao emprego dos pronomes pessoais, além de conceitos das gramáticas em geral sobre o emprego das formas pronominais em estudo. Para esse conhecimento, se fez uso dos gramáticos da Língua Portuguesa, tais como: Ataliba de Castilho (2016), José Carlos Azeredo (2008), Evanildo Bechara (2010), Celso Cunha e Cintra (1985), Faraco Moura (2016), Marcos Bagno (2011), Maria Helena Moura Neves (2011), Rocha Lima (1985) e Willian Cereja (2013).

Por fim, no segundo capítulo, demonstrou-se a relevância da pesquisa com os estudos contemporâneos acerca de trabalhos realizados sobre o uso das formas pronominais *mim* e *eu* na função de sujeito e com a mesma perspectiva laboviana em outras regiões do Brasil, tais quais: 1. João Ricardo Melo Figueiredo, que estudou a variação e mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca. 2. Elisângela dos Passos Mendes, que estudou a flexão de caso pronominal no *continuum* do português popular da Bahia.

2.1 INFLUÊNCIA DO LATIM CLÁSSICO E VULGAR NO PORTUGUÊS

Inicialmente, no Latim Clássico, os nomes possuíam seis casos, tais como: *o nominativo*, *o acusativo*, *o dativo*, *o genitivo*, *o vocativo* e *o ablativo*. O caso *nominativo* estava relacionado às funções sintáticas subjetivas, como o sujeito e o predicativo do sujeito. O caso *acusativo* ficava responsável pelos complementos verbais (objeto direto). O *dativo* especificava a representação do objeto indireto. O adjunto adnominal restritivo era identificado pelo *genitivo*. Os advérbios, que estabeleciam informações complementares de

tempo, causa, modo, lugar, entre outros, eram de responsabilidade do *ablativo*. Da passagem do latim clássico para o latim vulgar, ocorreram reduções no número de declinações. O latim clássico se manteve praticamente inalterado em sua estrutura. Entretanto, na passagem para o Latim Vulgar, passaram a existir apenas três casos para declinações, que eram: *nominativo*, *o dativo e o acusativo*.

A redução da declinação latina é o resultado da ação de diversos fatores. A tendência a reduzir o número dos casos caracteriza o latim desde o começo da tradição literária: no singular, o instrumental e, um pouco mais tarde, o locativo se confundiu com outros casos (ablativo e genitivo), e a parte final do vocativo (nos nomes masc. em *-us*) tendia a ser absorvido pelo nominativo; no plural, uma única forma servia para o dativo e o ablativo, para o instrumental e o locativo¹⁸ (VÄÄNÄNEN, 1968, p. 180).

Sendo assim, da passagem do latim clássico para o latim vulgar, ficou concretizada a redução da flexão casual latina de seis para três casos: o nominativo, o acusativo e o dativo. As funções sintáticas foram redistribuídas, de acordo com esses três casos, conforme demonstramos no quando a seguir:

Tabela 1 – A flexão de caso dos nomes em latim vulgar

Nominativo	Acusativo	Dativo
Sujeito Vocativo	Objeto Direto Predicativo do Objeto Complementos de duração, medida, tempo, etc.	Complemento de atribuição, interesse e fim Complemento de posse.

Conforme ALMEIDA (1995), simplificação dos casos latinos, ocorrida na classe dos nomes, teve reflexo também em outra classe gramatical: a dos pronomes. No latim clássico, a classe dos pronomes era apresentada em torno de duas pessoas do discurso, *a que fala* e *a que ouve*. Sendo as formas *ego* e *nos* representando a primeira pessoa do singular e plural, respectivamente; as formas *tu* e *vos* exerciam o papel de representativo da segunda pessoa do singular e plural, também respectivamente. Esses pronomes, através da mudança formal, distribuíam-se entre os seis casos latinos. Na tabela a seguir, apresentam-se os pronomes em latim clássico.

Tabela 2 – A flexão dos pronomes em latim clássico

Os pronomes em latim clássico						
Pessoas do discurso	Casos retos		Casos oblíquos			
	Nom	Voc	Gen	Dat	Abl	Acus
Singular	1 ^a	ego	----	mei	mihi	me
	2 ^a	tu	tu	tui	tibi	te
Plural	1 ^a	nos	----	nostrum ou nostri	nobis	nobis
	2 ^a	vos	vos	vestrum ou vestri	vobis	vobis

Fonte: Adaptado de Almeida (1995, p. 13).

Para MAURER (1962), o latim clássico para o latim vulgar, houve a redução da flexão de caso dos pronomes para três – nominativo, acusativo e dativo, conforme tabela supracitada. A tabela pronominal do latim vulgar modifica-se em relação ao latim clássico, primeiro pela diminuição da flexão casual, segundo aspecto, pelo aparecimento da terceira pessoa do discurso, tendo a forma existente a partir das formas demonstrativas – *ipse e ille*. Apenas a forma *ille* consagra-se como forma de representação da terceira pessoa.

Tabela 3 – A flexão de caso dos pronomes em latim vulgar

Os pronomes em latim vulgar				
Pessoas do discurso	Casos retos		Casos oblíquos	
	Nominativo		Dativo	Acusativo
Singular	1 ^a	Eo	mi (e mihi?)	Me
	2 ^a	Tu	ti (e tibi)	Te
	3 ^a	Ille/illa	(il) liu e (il)li	(il)lum
Plural	1 ^a	Nos	nos (e nobis)	Nos
	2 ^a	Vos	vos (e vobis)	Vos
	3 ^a	Illi/illae	(il) lis e (il) lorum	(il)los

Fonte: Adaptado de Maurer (1962, p.106).

A modificação dos pronomes pessoais através da mudança de função sintática prevaleceu na distinção do latim vulgar presente nas línguas românicas, como é o caso da língua portuguesa. Como exemplo, a forma nominativa de primeira pessoa do singular *eu* sofreu transformação na estrutura para *me*, com isso, passou a representar o caso acusativo ou dativo.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DOS AFRICANOS E INDÍGENAS NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL

Para compreender a influência das línguas africanas e indígenas no português brasileiro, foi preciso estudar o trabalho de Luchesi (2009). Para este estudioso, o português brasileiro começou a ser configurado através do contato inicial entre os portugueses colonizadores e os índios encontrados no Brasil, durante o século XVI. O contato com o homem branco e o nativo que habitava a costa e que falava mais de uma língua nativa, aparentadas do tronco tupi fez surgir à comunicação entre dois povos bem distintos. Essa língua seria denominada *língua geral da costa brasileira*, formando, conseqüentemente, uma *língua geral*. Com essa estrutura linguística de integração, proporcionou de forma negativa a catequese dos nativos, a exploração do trabalho indígena e de matérias primas, tais como: a extração do pau-brasil e posteriormente no cultivo da cana-de-açúcar, do tabaco e do algodão.

Já a influência africana no português brasileiro, iniciou-se assim que os primeiros negros vieram, de forma escravizada, para trabalhar nas capitanias hereditárias. As contribuições dos povos vindos do continente africano influenciaram não só a língua, mas a culinária, o trabalho e demais formas de cultura que no Brasil existiam. Para corroborar o que foi citado, há um trecho de Gilberto Freyre (1936) que diz:

A casa grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social e político; de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater familias*, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). (FREIRE, 1936, p.15).

Os escravos passaram a se comunicar com os indígenas que habitavam o Brasil. A consequência disso foi à modificação do português de Portugal, através de inúmeros acréscimos e supressões na estrutura na normativa da língua. Para se chegar ao português brasileiro existiu um processo contínuo de variação e conseqüentemente de mudança na área da linguística. Assim afirma Luchesi (2009):

Se, nas situações mais representativas da história sociolinguística do Brasil, não ocorreram processos típicos de crioulização, é exatamente aí que se localiza a origem das mais importantes conseqüências do extenso e maciço contato entre línguas que marca essa história. A aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como

língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços desencadearam um processo de transmissão linguística irregular que teve importantes consequências para a formação da atual realidade linguística brasileira, nomeadamente para as suas variedades populares.

Os fatores que inibiram a crioulização passam, assim, a atuar como poderosos fatores de difusão das mudanças induzidas pelo contato entre línguas nas mais diversas comunidades de fala do Brasil. A integração social dos escravos ou dos ex-escravos e, sobretudo, a miscigenação são fatores que atuam em dois sentidos: favorecem a assimilação dos padrões linguísticos por parte dos dominados, ao tempo em que abrem vias de introdução na fala das camadas médias e altas de estruturas criadas por mudanças ocorridas nos estratos mais baixos. (LUCHESE, 2009, p. 72).

Ainda Luchesi (2009), o emprego dos pronomes pessoais fora do padrão normativo, estabelecido pela elite econômica de Portugal e do Brasil, está relacionado às influências das línguas indígenas e africanas que, de início, impactaram a língua portuguesa daqueles menos escolarizados, nativos e negros. Assim, o português brasileiro possui variedades e mudanças na língua falada no Brasil semelhante às línguas formadoras do português da África. Há diferença de emprego dos pronomes pessoais do português brasileiro em relação ao português de Portugal. Este se manteve de forma invariável, quase que unânime, preservando a influência do latim em sua gramática normativa. Já o português brasileiro sofreu inúmeras influências na norma padrão da língua, pois a participação linguística de índios e negros, como também, dos portugueses que vieram colonizar o Brasil, fora muito intensa.

Para contextualizar, emprega-se a variável *a gente* concorrendo com o *nós*, como também, a variável *mim* exercendo função sintática de sujeito concorrente com o pronome reto *eu*. Dessa forma, percebe-se a relevância de se estudar o funcionamento da língua não de forma isolada, mas dentro de um contexto sociocultural, relacionando língua e sociedade em situações reais de fala para uma melhor compreensão dessas variações e mudanças existente na língua.

2.3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS

Segundo Bechara (2010), os pronomes pessoais retos possuem sintaxe de sujeito ou predicativo do sujeito na frase ou oração. Em relação aos pronomes oblíquos, a norma padrão estabelece função sintática, não admitindo variação, de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal.

Rocha Lima (1985) aponta que é “erro comum” empregar o pronome *mim* na função de sujeito, antes de infinitivo. É comum observar esse emprego pronominal na linguagem coloquial, em que o respeito ao padrão normativo da linguagem é pouco observado.

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), explica as formas de emprego dos pronomes reto e o oblíquo, como também, especifica a origem da utilização do pronome oblíquo *mim* antes de verbo no infinitivo. Para o autor, o uso oblíquo do *mim* antes de infinitivo, é devido à mistura, dada pelo emprego informal, da forma considerada padrão: “aquilo é para eu fazer.” e “este não é para mim.” (CUNHA E CINTRA 1985, p. 290).

Analisando o que dizem os gramáticos normativos, fica esclarecido que o emprego do pronome oblíquo, ocupando função sintática não segue a norma padrão, pois não se deve utilizá-lo como sujeito em uma frase. Contudo, é comum no dia-a-dia, ouvir as seguintes construções: 1. *Preciso de um tempo para mim estudar*; 2. *Você tem um papel para mim escrever*; 4. *Quando é para mim chegar*. Como demonstrado nos exemplos, é observado o emprego do pronome oblíquo, de forma corriqueira, ocupando um papel reservado ao pronome reto na fala “não policiada” dos brasileiros. Quando se faz uma pesquisa teórica sobre as regras da gramática normativa, observa-se que há o uso de “certo” ou “errado” em relação ao emprego dos pronomes oblíquos *mim* e reto *eu*, independente do contexto discursivo ao qual o falante está inserido. Os autores insistem na tese de erro ao colocar o pronome oblíquo na função de sujeito e concluindo que, na prática, a língua falada no Brasil está com o passar dos dias, mais distante da norma padrão exigida pela Academia de Letras.

O gramático Bechara, na *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, colabora para dirimir sobre o uso do oblíquo tônico *mim* e o pronome reto *eu*, do ponto de vista da norma padrão da língua portuguesa. Diz Bechara: as formas *eu, tu, ele, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um desses pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre precedidas de preposição* (BECHARA, 2010, p. 132).

Durante o estudo da norma padrão, foi observado o emprego do *mim* antes de verbo no infinitivo, sem ocupar, entretanto, função sintática de sujeito e isso pode ser um dos fatores que confundem o uso dessa classe gramatical nos falares do português brasileiro. Assim, dependendo da frase usada com o pronome tônico *mim*, ele pode aparecer seguido de um

verbo no infinitivo, sem provocar erro gramatical. Isso acontece porque mesmo sendo precedido de verbo no infinitivo, o oblíquo tônico *mim* continua exercendo papel de complemento no enunciado. Basta modificar a posição do *mim* dentro do contexto discursivo e não se alterará ou inviabilizará o sentido semântico pretendido. Por exemplo: 1. *Para mim ir lá não é difícil*; 2. *Não é difícil, para mim, ir lá*; 3. *Ir lá, para mim, não é difícil*. Viu-se que, o oblíquo tônico *mim*, alternou-se em vários espaços dentro do enunciado, mantendo sempre seu papel determinado pela gramática normativa, mesmo quando vem diretamente precedido de verbo no infinitivo.

Do ponto de vista de Ataliba T. de Castilho (2016), ao fazer referências aos pronomes pessoais, diz ele: “Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis à mudança”. Ou seja, existe a possibilidade dos pronomes pessoais variarem. Assim, segundo Ataliba T. de Castilho, estudos realizados recentemente têm uma reorganização dos pronomes pessoais do português brasileiros, sobretudo, em sua modalidade falada, provocando notáveis variações na estrutura sintática de língua. A forte centralidade desses pronomes no sistema linguístico aponta porque a reorganização da atual situação dos pronomes tem repercutido nos demais pronomes, na concordância verbal, na morfologia verbal e na funcionalidade da sentença. Castilho (2016) apresenta o quadro dos pronomes pessoais no português em seu uso formal e informal da língua. É perceptível que os pronomes pessoais que exercem a função de sujeito, bem como aos que exercem a função de complemento no uso formal da língua do português no Brasil sofreram modificações na segunda pessoa do singular. Além da forma pronominal *tu*, já há acréscimo do uso do *você, o senhor, a senhora* (sujeito) e *te – ti – contigo* acrescida de preposição mais *o senhor, com a senhora* (complemento). Na segunda pessoa do plural, ainda usa *os senhores*, mal da língua, temos: *vós, os senhores, as senhoras* (sujeito) e *vos, convosco*, preposição mais *os senhores, as senhoras*.

Nota-se que os pronomes pessoais exercendo a função de sujeito, assim como atuando na função de complemento, utilizando a informalidade da Língua Portuguesa no Brasil também sofreram modificações, vejamos: Na primeira pessoa do singular, quem exerce a função de sujeito são as formas pronominais *eu/a gente*. Já o complemento pronominal é estabelecido por *me, mim*. Na segunda pessoa do singular, quem exerce a função de sujeito são: *você, ocê, tu*. Na função de complemento pronominal em segunda pessoa, temos: *você, ocê, cê, te, ti, preposição mais você, ocê (=docê, eocê)*. Na terceira pessoa do singular na função de sujeito, temos: *ele, ei, ela* e na função de complemento, temos: *ele, ela, lhe, preposição mais ele, ela*. Na primeira pessoa do plural na função de sujeito, encontra-se “a

gente” e na função de complemento: *a gente*, preposição mais *a gente*. Na segunda pessoa do plural, na função de sujeito, temos: *vocês, ocês, cês* e na função de complemento: *vocês, ocês, cês*, preposição mais *vocês, ocês*. E por último, na terceira pessoa do plural, exercendo a função de sujeito, temos: *eles, eis, elas* e na função de complemento: *eles, eis, elas*, preposição mais *eles, eis, elas*.

De acordo com Castilho (2016), as formas contraídas *cê/ei* não funcionam como complemento, exceto quando estão preposicionadas (*de, com, para* mais *ocê*) (CASTILHO, 2016, p. 477).

Neves (2008b) apresenta que não existe nenhuma ocorrência da forma pronominal “*vós*” no corpus estudados, e mais amplamente nos inquiridos do NURC. Em contrapartida, à expressão “*a gente*”, ela comuta com a forma pronominal “*nós*” nos mesmos contextos. Isso torna evidente que os falantes do português brasileiro compreendem essas formas como sinônimas.

Em relação às formas pronominais “*tu* e *você*”, Neves (2008b), ao examinar o corpus do Projeto NURC, encontrou 0,25% ocorrências do *tu*, utilizadas por falantes de Porto Alegre, contra 99,75% ocorrências de *você*. Isso quer dizer que a oralidade considerada de prestígio brasileiro que viviam entre 1970 e 1978, em cinco capitais brasileiras situadas nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul (Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) tinha praticamente deixado de usar, na fala, a forma pronominal *tu*. E passou a utilizar a expressão *você*, que obrigatoriamente leva o verbo para a terceira pessoa, causando uma confusão na morfologia e nas regras de concordância estabelecida pela gramática normativa. (CASTILHO, 2016, p. 477- 478).

Conforme José Carlos de Azevedo (2018), as palavras gramaticais que possuem a função referencial de identificar quais são as pessoas do discurso são chamadas de pronomes pessoais. Segundo consta a nomenclatura oficial, a expressão pronomes pessoais é aplicado somente a primeira pessoa do singular (*eu*), indivíduo que fala a primeira pessoa do plural (*nós, a gente*). O conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui; a segunda pessoa do singular ou do plural (*tu, vós, você, vocês*) o indivíduo ou indivíduos do plural (*ele, ela, eles, elas*). O indivíduo ou coisa a que o *eu* se refere.

É importante salientar que as formas da terceira pessoa são as únicas que variam em gênero. As formas (*eu, nós, você, vocês, tu, vós*) somente podem referir-se a seres humanos ou

a seres personificados. Já as formas pronominais de terceira pessoa singular ou plural (*ele, ela, eles, elas*) podem designar tanto seres animados como seres inanimados. Ainda segundo Azeredo (2008), a única classe gramatical que apresenta formas diferenciadas em relação a três grupos de funções é a classe dos pronomes pessoais. Para as funções de sujeito e predicativo, temos os pronomes do caso reto. Para exercer as funções adverbiais de objeto e adjunto, temos os oblíquos átonos. Para desempenhar as funções de complemento e adjunto, obrigatoriamente, precedidos de preposição, temos os oblíquos tônicos. (AZEREDO, 2008, p. 175).

Para Azeredo (2008), os pronomes pessoais regidos por preposição são classificados como oblíquos tônicos e podem apresentar-se com formas específicas (*passou por mim*). Ainda, segundo Azeredo (2008), após a preposição “*com*”, excepcionalmente, se empregam as variantes *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco*, unidas à preposição na escrita. A forma *conosco*, no registro formal, é substituída na fala por *com a gente* (*nós queríamos que ele viesse com a gente*). A forma “*convosco*”, por sua vez, encontra-se na mesma situação sociolinguística de “*vós*” e “*vosso*”, restrito a empregos ritualizados. Os pronomes oblíquos tônicos, quando utilizados como complementos de verbo transitivo direto, objetos diretos são precedidos de preposição “*a*”. (foi *a mim* que ela convidou).

Azeredo (2008) apresenta algumas observações relevantes quanto ao uso dos pronomes oblíquos tônicos, são elas: construções tradicionalmente recomendadas pela preceptiva gramatical, como: *entre mim* e *você* ou *entre ela* e *mim*, são consideradas cada vez mais estranhas ao uso da língua no português brasileiro, mesmo se tratando da modalidade escrita. Tendo em vista que, as formas mais praticadas no Brasil pelos próprios falantes, considerados cultos, são: *entre eu* e *você* ou *entre ela* e *eu*, por exemplo. Já na construção da preposição *para* mais pronome oblíquo tônico *mim* mais infinitivo (*para mim falar*) é empregado no registro informal, mesmo em se tratando dos falantes mais escolarizados. A gramática normativa estabelece o uso da preposição *para* mais pronome pessoal do caso reto *eu* mais infinitivo como opção nas variedades formais. (AZEREDO, 2008, p. 257-258).

Conforme William Roberto Cereja (2013), pronome são palavras que possuem a função de substituir ou acompanhar outras palavras, principalmente substantivo, fazendo referência às pessoas do discurso. Os pronomes também podem remeter a palavras, orações e frases expressas anteriormente. (p.142). Conforme o referido autor, os pronomes pessoais indicam as três pessoas do discurso: a primeira pessoa, isto é, quem fala; a segunda pessoa, ou

seja, com quem se fala; e a terceira pessoa, aquela de que ou de quem se fala. Ainda segundo ele, os pronomes pessoais são classificados em retos e oblíquos, conforme a função a qual desempenha na oração. Os pronomes do caso reto exercem a função de sujeito ou predicativo do sujeito. Já os pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complemento. (CEREJA, 2013, p. 144).

Segundo Cereja (2013), o sistema de pronomes pessoais do português brasileiro vem sofrendo mudanças e já está sendo descrito de forma distinta por linguista. No português brasileiro concretizado na oralidade, atualmente, as expressões *você*, *a gente* e *vocês* são usados como pronomes pessoais, fazendo referência a segunda pessoa do singular e a primeira e segunda pessoa do plural. As formas pronominais *eu* e *tu* exercem a função de sujeito, em contrapartida, os pronomes oblíquos tônicos *mim* e *ti* desempenham outras funções de acordo com a norma padrão da língua, empregar a forma pronominal *mim* no lugar da forma pronominal *eu* não seria considerado adequado. Analisando as seguintes expressões: “*que der para eu fazer para massagear meu ego vou fazer*”, observa-se que o pronome *eu* é empregado como sujeito do enunciado, ocorrendo antes de um verbo no infinitivo. Na norma de prestígio, os pronomes pessoais *eu* e *tu* não podem ser regidos de preposição, muito menos desempenhar função de complemento. Cabe a essa função de complemento, antecedido de preposição, os pronomes oblíquos tônicos (CEREJA, 2013, p. 145-146).

Conforme Maria Helena de Moura Neves (2011), o pronome pessoal tem uma natureza fórica, ou seja, é uma classe gramatical que tem como característica a capacidade de fazer referência pessoal. Os pronomes pessoais possuem como funções consideradas básicas, representar na oração os papéis dos discursos, isto é, remete à situação de fala e garantir a continuação do texto, fazendo referência a elementos do próprio discurso. Além disso, os pronomes pessoais têm, na oração a função de explicitar a natureza temática do referente.

As formas pronominais *eu* e *tu* atuam de forma restrita à função de sujeito. O pronome *tu*, bem como, *vós*, pode ser usado como vocativo. As funções completivas são restritas às formas oblíquas átonas. No entanto, existe um tipo de construção em que a forma oblíqua átona exerce a função de sujeito quando o sujeito de uma oração infinitiva que constitui objeto do verbo, junto do qual o pronome átono se coloca como clítico. Na conversação, o uso dos pronomes tônicos como sujeito do infinitivo nas construções é bastante comum. (NEVES 2011, p. 452- 453).

Em sua gramática, Neves (2011), diz: as formas pronominais oblíquas tônicas *mim* e *ti*, regidas de preposição são restritas a funções completivas. A norma gramatical estabelece que as formas pronominais *eu* e *tu* não podem ser regidas por preposição e só podem exercer a função de sujeito da oração. Entretanto, é perceptível na linguagem popular, literária e jornalística, construções com esses pronomes precedidos da preposição *entre*, em algumas orações. (NEVES, 2011, p.456).

2.4 ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS ANTERIORES SOBRE O MESMO FENÔMENO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso vem sendo objeto de pesquisa em algumas cidades do Brasil, visando compreender o porquê da variação sintática em curso da forma pronominal oblíqua *mim* exercendo a função de sujeito em detrimento da forma pronominal reta *eu* no português brasileiro. Uma das razões observadas desse fenômeno da variação e mudança, através da área da Sociolinguística Variacionista, é a influência sócio-histórica que a Língua Portuguesa vem passando ao longo dos séculos. Através da pesquisa de Mendes (2016), foi possível compreender alguns aspectos da variação e mudança quando a autora diz:

O português brasileiro, em virtude de razões sócio-históricas, apresenta uma realidade linguística plural e polarizada. Um dos aspectos da morfossintaxe que evidencia tal polarização é a redução da morfologia flexional de caso dos pronomes pessoais. Esse fenômeno linguístico, constatado nas variedades do PB de um modo geral, comporta particularidades para as vertentes cultas e populares. (MENDES, 2016, p.255).

Na tese de doutorado de Elisângela dos Passos Mendes (2016), através da *flexão de caso pronominal no continuum do português popular da Bahia*, a autora expõe as razões sócio-históricas que a língua portuguesa sofreu ao chegar no Brasil. Essas modificações foram decisivas para afetar aspectos na área da morfossintaxe, provocando reduções de casos pronominais, fatores estes que foram determinantes para o surgimento do português brasileiro. A língua portuguesa típica do Brasil possui variantes populares nos usos, sendo estigmatizadas pela norma padrão. Através da Sociolinguística Variacionista, é possível compreender que a língua sofre variação por fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como: sexo, faixa etária, nível de escolaridade e local onde reside.

Mendes (2016) elaborou a pesquisa na área da Sociolinguística analisando a flexão de caso dos pronomes pessoais no português popular da Bahia, observando a distribuição do fenômeno na estrutura linguística e social dos moradores da zona rural e urbana. Os dados da pesquisa foram compostos de: a) o do português afro-brasileiro (28 entrevistas); b) o do

português popular de cidades do interior de pequeno porte (48 entrevistas) – Santo Antônio de Jesus (24) e Poções (24); c) o do português popular de cidade do interior de médio porte (24 entrevistas) – Feira de Santana; d) e o do português popular urbano da capital baiana (60 entrevistas) – Salvador. Segundo Mendes (2016), a pesquisa foi relevante para a compreensão dos fenômenos que atuam na variação e mudança na região da Bahia, agregando informações e teorias para futuras pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista.

Os resultados evidenciaram, de um modo geral, que, no *continuum* de urbanização do português popular da Bahia, as variedades dos grandes e médios centros urbanos (Salvador e Feira), têm demonstrado resistência ao uso dos pronomes não flexionados de primeira pessoa do singular nas posições de complementos verbais e adjuntos adverbiais, diferentemente das variedades do interior de comunidades de pequeno porte (Santo Antônio e Poções) e das comunidades rurais isoladas afro-brasileiras. Dentre as variáveis linguísticas e sociais selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa *Goldvarb* para a flexão de caso da primeira pessoa do singular, no *continuum* do português popular da Bahia, destacam-se: *função sintática do pronome, regência da preposição, tipo de discurso (laico ou religioso), sexo, comunidade e localidade (sede e rural)*. (MENDES, 2016, p. 8).

João Ricardo Melo Figueiredo (2007) defendendo a dissertação sobre a *variação e mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca*, diz:

A descrição e análise da variação e mudança na forma de expressar o sujeito de primeira pessoa do singular de infinitivas iniciadas por *para*, a partir das amostras 80(C) e 00(C) confirmou a hipótese de que *mim* e *zero* variam sistematicamente de acordo com contextos variáveis, linguísticos e extralinguísticos, que pressionam favorecendo ou desfavorecendo o uso das variantes. Verificada a raridade de dados de sujeito no nominativo (*para eu fazer*) foram consideradas duas variantes: *mim* (*para mim fazer*) e *zero* (*para Ø fazer*). Confirmamos a sistematicidade da distribuição entre *mim* e *zero* ao esmo tempo que identificamos os contextos linguísticos e sociais para seu uso. Validamos assim, implicitamente, as variantes estudadas. Ou seja, confirmou-se que o pronome explícito *mim* funciona inequivocamente como sujeito de infinitiva, independentemente da função que eventualmente exerça na oração principal. (FIGUEIREDO, 2007, p. 107).

A partir da citação de Figueiredo (2007), fica evidenciado que o estudo sobre a variação pronominal do ponto de vista da Sociolinguística é de suma importância para observarmos se um determinado fenômeno linguístico variante da norma padrão ficará apenas concorrendo com a norma padrão ou poderá surgir uma mudança linguística, possibilitando uma variante da norma de prestígio sobrepor a esta. Só através da pesquisa de campo é possível compreender os motivos dos fenômenos linguísticos e extralinguísticos responsáveis

pela variação e mudança de uso da língua no falar dos moradores de todos os estados brasileiros.

Dessa forma, mostra-se a importância que este Trabalho de Conclusão de Curso possui sobre os motivos que interferem nos usos das formas pronominais *mim* e *eu* desempenhando a função de sujeito na comunidade de fala de Jacobina-BA: uma análise variacionista.

3 CAPÍTULO III: METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os materiais e os métodos utilizados na pesquisa que fomentaram a origem deste TCC.

Objetivando analisar o uso das formas pronominais *mim* e *eu* desempenhando função de sujeito, segundo o ponto de vista da norma de uso e da norma padrão da língua português, iniciamos o trabalho selecionando voluntários para serem entrevistados. A pesquisa conta com o número total de 12 informantes, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino. Todos são residentes da cidade de Jacobina. As pessoas entrevistadas foram estratificadas em sexo (masculino e feminino), faixa etária (14 a 28 anos e mais de 29 anos), envolvendo os três níveis educacionais (Fundamental II, Médio e Universitário), de acordo com a descrição do corpus desta pesquisa.

Sequencialmente, fizemos a coleta dos dados que foram usados nesta pesquisa por meio de gravações individuais, levando em conta as narrativas orais e espontâneas de pessoas pertencentes a uma mesma comunidade de fala. As gravações das entrevistas foram feitas da seguinte forma: a) os entrevistados foram deixados à vontade para relatar fatos pessoais por eles vivenciados, da infância aos dias de hoje; b) nas gravações, o entrevistador solicitou, inicialmente, ao informante que narrasse informações marcantes sobre a infância, como descreveria o período de ensino e aprendizagem, experiências da adolescência, da vida adulta, etc. Em algumas entrevistas, verificou-se que, inicialmente o diálogo foi tenso. Em relação ao ambiente onde ocorreram as entrevistas, todas foram executadas na residência dos informantes, visando proporcionar o maior conforto ao falante. Não foi estabelecido um tempo limite nos diálogos, as entrevistas duravam em média 30 minutos, pois verificou-se que mesmo tendo ciência que uns informantes falam mais e outros menos, esse era o tempo necessário para perceber qual forma pronominal o informante utiliza na oralidade. Com todas as entrevistas concluídas, iniciaram-se as transcrições dos relatos reportados por cada informante.

A princípio, começamos a sistematizar na íntegra todos os relatos gravados, bem como todas as participações realizadas nas entrevistas pelo mediador, a fim de proporcionar uma maior facilidade de entendimento por parte dos leitores que não tenham acesso às gravações.

Vale ressaltar que, para tentarmos transcrever as narrativas orais com o máximo de fidelidade ao original, foi necessário ouvirmos inúmeras vezes as gravações, visto que essas transcrições possam se constituir em objeto de estudo de grande relevância para os estudiosos da Sociolinguística. Na sequência, realizamos o levantamento dos fenômenos de variação linguística no uso das formas pronominais, observadas nas entrevistas e análise de dados, objetivando analisar a constância na utilização das formas pronominais *mim* e *eu* desempenhando a função de sujeito. Os resultados da pesquisa serão expostos na no item 3, mediante obtenção dos resultados das análises realizadas.

3.2 JACOBINA: ASPECTOS SOCIO HISTÓRICOS¹

É necessário salientar que, para estudar a língua oral, é preciso resgatar a história da própria língua, a história dos falantes, além de observar os contextos históricos que, de certo modo, influenciam em determinados jeitos e modos de falar, além de determinar escolhas lexicais. Neste sub-capítulo, conforme Doraci Araújo Lemos (1995), será exposto um breve panorama histórico dos fatos considerados relevantes para entender a formação cultural, identitária e linguística do município de Jacobina-Ba, tendo em vista que tal município desempenhou um papel importante para desenvolvimento do estado.

A história do município de Jacobina-Ba surgiu a partir da chegada de bandeirantes paulistas, portugueses, além de outros aventureiros ao município, com o objetivo de explorar os minérios que aqui se encontravam. Em 1652, iniciou a povoação das terras da atual cidade de Jacobina com a fixação da família de Guedes de Brito, juntamente com seus escravos e colonos, iniciando a implantação da pecuária na região.

Ainda no século XVII, com a descoberta do ouro, a região de Jacobina Bahia exploradores que vieram de lugares diversos. O então considerado arraial foi elevado à categoria de vila, recebendo o nome de Vila d Santo Antônio de Jacobina, no ano de 1720, devido à influência aurífera da região e também à criação de duas casas de fundição. E no ano de 1980, a vila de Santo Antônio de Jacobina, passou à categoria de cidade, com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. O município possui um importantíssimo patrimônio histórico, cultural e natural a ser preservado e corroborou com relevantes

¹ As informações históricas foram obtidas nos sites: Disponível em: <www.escolas.inf.br/ba/jacobina>. Acesso em: 09 nov. 2019 ; Disponível em: <www.faculdades.inf.br/ba/jacobina>. Acesso em: 09 nov. 2018.

passagens para a história do Brasil. Jacobina é popularmente conhecida como “cidade do ouro”, devido às minas de ouro que aqui se encontram e cercada de serras que formam desfiladeiros e cânions atraindo um número significativo de turistas, amantes da natureza e aventura.

Em relação à origem e significado do nome Jacobina, existem inúmeras versões. Conforme alguns historiadores, o referido nome possui uma origem indígena e significa “campo aberto” ou “campo vasto” e seria derivado da língua Tupi, na qual significa “trecho calvo ou naturalmente despido de vegetação”. Em outras versões, encontramos uma origem lendária que tem sido passado por inúmeras gerações sobre o nome de Jacobina. Diz a lenda, que existiram dentre os indígenas que aqui habitavam, um casal de nativos, cujos nomes eram Jacó e Bina e que estes dois intermediavam acordos entre os estrangeiros e os indígenas. Conforme a lenda, Jacó e Bina eram lideranças dos *paiaiás*. Com a morte do casal, e com o objetivo de tornar esta história viva nas memórias dos jacobinenses, resolve-se colocar no município os respectivos nomes, unidos, Jacó e Bina, se tornando Jacobina.

Em 1938, o padre Alfredo Bernardo Maria Haasler, nascido em Innsbruck (Áustria), missionário da ordem dos Cistercienses preocupados com a educação dos jovens da época, implantou escolas paroquiais pela região. Um total de 48 escolas criadas que deixaram a marca da educação em todos aqueles que absorveram seus ensinamentos. Padre Alfredo prestou um grande papel social na cidade de Jacobina, tanto na área da educação, como em outras áreas.

O pensamento da criação de uma faculdade em Jacobina teve início quando o então prefeito Dr. Fernando Pires Daltro nomeou uma comissão constituída de professores para estudar a viabilidade de concretização de tal pensamento. Em 1972, aproveitando uma visita realizada, pelo governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, à cidade de Irecê. O prefeito Fernando Pires Daltro entrega ao governador um documento solicitando-lhe uma faculdade para Jacobina, no desejo de transformá-la em uma capital sertaneja de educação com a implantação de uma escola de nível superior. Passados alguns anos, o sonho da criação de uma escola de nível superior na cidade de Jacobina é realizado. Em 1980, em solenidade realizada no Leader Esporte Clube, o secretário de educação assinou edital que tornou pública a abertura das inscrições para o vestibular-81 Unificado para as Faculdades do Interior do Estado, inclusive a de Formação de Professores de Jacobina, que seria de Licenciatura Curta de Letras Vernáculas, com apenas 40 vagas.

Atualmente, o município de Jacobina-Ba conta com 92 (noventa e duas) escolas municipais, 10 (dez) escolas estaduais, 24 (vinte e quatro) escolas privadas e duas escolas federais. A referida cidade, ainda dispõe de: 01 (uma) universidade estadual e 03 (três) faculdades privadas, as quais atendem Jacobina e região.

A beleza natural da terra que é cortada por dois rios: “O Rio do ouro” e “O rio Itapicuru”, possui várias cachoeiras, belas paisagens naturais, suas tradições despertaram no jacobinense a vontade de expressar sua mensagem criadora, principalmente por meio da pintura e da música. Destacam-se também no drama e na comédia com boa atuação apresentada pelos grupos teatrais, entre outros.

Os moradores do município de Jacobina, em sua grande maioria, professam a fé cristã. A cidade dispõe de duas paróquias: a paróquia de São José Operário e a paróquia de Santo Antônio. Há também inúmeras igrejas protestantes. Outras formas de culto a Deus, também, são encontradas na comunidade de Jacobina.

Há, no município, muitas festas tradicionais, como: a micareta, a caminhada da luz, a marujada, entre outras. As referidas festas, principalmente a micareta, atraem a presença de muitas pessoas de outras regiões do país.

Figura 1. Mapa do estado da Bahia.



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/mapadostadodabahiaesuascidades> Acesso em: 16 ago. 2018.

O Município de Jacobina está localizado, em relação ao Estado e sua capital:
 Localização: Município da Região Centro-Norte do Estado da Bahia Possui uma área de: 2.328,9 km², Limita-se com as cidades de: Mirangaba, Saúde, Caém, Várzea Nova, Miguel Calmon, Serrolândia, Capim Grosso e Ouroândia, com altitude de: 470 m, seu clima é: Semiárido, possui uma temperatura média anual de: 29°C, sua distância em relação a Capital: 330 km, Economia: Mineração, indústria, comércio e agropecuária, Divisão Administrativa: Jacobina-sede, Catinga do Moura, Itaitu, Itapeipu e Junco, População: 79.285 habitantes (Dados do censo 2010 IBGE), Criação do Município: cinco de agosto de 1720.

Figura 2. Município de Jacobina-Ba



Fonte: Disponível em: <<https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1472451>>. Acesso em: 16 set. 2018.

População Estimada [2018]: 80.394 pessoas

Economia: Mineração, indústria, comércio e agropecuária.

Geografia: Área territorial 2.328,9 (km).

Educação: Existem escolas que atendem alunos do ensino fundamental e médio, além de universidade pública e faculdades particulares.

Datas importantes: Explorada por bandeirantes paulistas, portugueses e outros aventureiros que chegaram às terras de Jacobina em busca de minas de ouro, seu povoamento iniciou-se, em 1652, com a fixação da Família Guedes de Brito, seus escravos e colonos, na região onde estabeleceu currais, iniciando a implantação da pecuária. Com a descoberta do ouro, ainda no século XVII, a região recebeu aventureiros vindos de todas as partes. O Arraial foi elevado à categoria de Vila, com o nome de Vila de Santo Antônio e Jacobina, em 1720, graças ao ouro da região e à criação de duas casas de fundição. Em 1880 passou à categoria de Cidade, com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina.

Fonte: Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jacobina>> 08 nov.2018.

3.3 COMUNIDADE DE FALA

Neste trabalho, conceitua-se comunidade de fala na mesma perspectiva proposta por Willian Labov (1972). De acordo com o ponto de vista do referido autor, a comunidade de fala ocorre a partir de um compartilhamento referente a um conjunto de pessoas em um determinado local. Dessa forma, após a observância de um comportamento linguístico, estudos mais aprofundados a respeito da estrutura e estratificação de classe em determinada comunidade torna-se possível.

A partir das pesquisas realizadas por William Labov (1972), fora verificado a existência de variáveis na língua de falantes da cidade de Nova York, essas variáveis correlacionavam-se com uma medida abstrata de posição de classe social que eram derivadas de um conjunto de inúmeros indicadores não isomórficos, os quais nenhuma providência individual, menos abstrata, geraria correlações igualmente satisfatórias. Diante disso, conforme Labov, falantes com mais idade em relação aos falantes de menos idade pertencentes a cidade de Nova York fazem parte de comunidades de fala ligeiramente distintas. (LABOV, 1972, p. 150-188).

Em nossa pesquisa, a comunidade de fala estudada é representada por um grupo de falantes que compartilha as mesmas normas da língua; esse grupo está descrito mais adiante quando mencionamos sobre a amostra de dados da cidade de Jacobina – BA.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para realização desta pesquisa, selecionamos 12 falantes residentes e domiciliados na comunidade de fala de Jacobina-Ba. Essa seleção teve como critérios, alguns perfis sociais dos informantes, tais como: informantes do sexo masculino e feminino, pertencentes a duas faixas etárias distintas (14 a 28 anos e de 29 a 75anos) e a três níveis de escolaridade também distintos (Ensino fundamental II, Ensino médio e Ensino Universitário).

A escolha por amostras de fala justifica-se a partir da discrepância entre a norma de uso da língua em situações concretas de interação e a norma prescrita pela gramática. Há uma gramática da fala que descreve como a língua se realiza a partir dos usos e uma gramática que dita normas sistematizadoras da língua padrão. Diante dessa oposição, percebe-se que há usos linguísticos que não estão de acordo com a prescrição gramatical, mas não impedem a função social da língua, como ocorrem com a variação das formas pronominais *mim* e *eu* exercendo a função de sujeito na comunidade de fala de Jacobina-Ba.

O estudado fenômeno linguístico está ocorrendo na fala dos informantes do município estudado. Diante disso, a teoria da variação e mudança proposta por Labov (1972), com o objetivo de analisar e descrever os fenômenos linguísticos sistematizáveis considera, para tal objetivo, os estudos da relação entre linguagem e sociedade. Dessa forma, busca-se estudar de maneira aprofundada, no contexto real de uso, por meio das amostras adquiridas o porquê ocorre esse fenômeno linguístico na cidade de Jacobina-Ba.

O fenômeno linguístico estudado é uma regra variável na morfossintaxe presente na fala dos informantes do município de Jacobina-Ba. A seleção dos informantes, no tocante ao sexo, justifica-se pela representação de todas as pessoas do sexo masculino e feminino que são moradores da sociedade Jacobinense. Dessa forma, busca-se uma amostra heterogênea que abarque os falantes da comunidade de fala estudada.

Com relação à escolha das duas faixas etárias investigadas (14 a 28 anos) e de (29 a 75 anos) tem como embasamento o estudo de Labov (1972), o qual observou uma tendência de falantes com mais idade fazerem parte de comunidades de fala ligeiramente distintas daqueles informantes com menos idade. Em nossos estudos, busca-se testar algumas hipóteses.

Além das escolhas de informantes com base na faixa etária e sexo, levamos em consideração o nível de escolaridade dos informantes: Nível fundamental II, médio e Universitário, tendo em vista a relevância desta variável em trabalhos referentes à Sociolinguística para explicar fenômenos linguísticos tais quais o que está sendo apresentado.

Dessa forma, pensa-se que, ao controlar esses fatores linguísticos e extralinguísticos, no tocante ao fenômeno linguístico o qual investigamos, pode-se objetivar se todos ou somente um deles é relevante para que a regra variável em questão seja aplicada. Faz-se necessário, ainda, objetivar a questão relativa ao número de informantes que são necessários para a realização da pesquisa, ou seja, qual é o tamanho necessário da amostra? No tocante a isso, Labov observa: [...] a padronização dentro da variação é fácil de ser descoberta, pois ela não requer a análise estática de gravações de centenas de informantes como os linguistas tradicionalmente recebiam. Pelo contrário, observamos que os padrões básicos de estratificação de classe, por exemplo, surgem de amostras bem pequenas como 25 informantes [...] Ordenações regulares de estratificação social e estilística surgem quando nossas 45 células contêm apenas cinco informantes e quando temos apenas cinco ou dez exemplos de uma dada variável para cada informante. (LABOV, 1972, p.204).

No quadro a seguir, traremos a descrição do perfil social dos informantes selecionados para esta pesquisa.

Tabela 4- Descrição do perfil social dos informantes

Inquérito	Faixa etária	Sexo	Escolaridade
01	I	F	E. Fundamental II
02	I	M	E. Fundamental II
03	II	F	E. Fundamental II
04	II	M	E. Fundamental II
05	I	F	E. Médio
06	I	M	E. Médio
07	II	F	E. Médio
08	II	M	E. Médio
09	I	F	Universitária
10	II	M	Universitário
11	II	F	Universitária
12	I	M	Universitário

Os informantes selecionados para a entrevista somaram um número total de doze pessoas, que foram divididos em seis homens e seis mulheres, todos os informantes são pessoas que moram no município de Jacobina-BA, alguns casados outros solteiros, empregados, desempregados e uma aposentada; todos com renda entre 0 a 2 salários mínimos, alguns ainda estão estudando ou não. Assim, buscou-se selecionar, dentre os informantes, perfis variados para a realização do trabalho.

3.5 USOS DAS FORMAS PRONOMINAIS MIM/EU NA FUNÇÃO DE SUJEITO: ANÁLISE DE DADOS

3.5.1 CONTEXTO LINGUÍSTICO

O presente trabalho revela os resultados dos estudos referentes aos usos das formas pronominais *mim e eu* desempenhando a função de sujeito em amostras de narrativas orais gravadas de informantes moradores da comunidade de Jacobina, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso da língua. Desta forma, buscou-

se revelar que as ocorrências de usos das formas pronominais *mim e eu* na função de sujeito não ocorrem por acaso, mas por um condicionamento relativo a uma realidade social ou linguística vivenciadas por indivíduos que sejam objetos de investigação de pesquisas realizadas do ponto de vista da variação e mudança.

Revelamos os resultados obtidos da utilização das formas pronominais em um *corpus* linguístico subtraído dos 12 indivíduos que foram entrevistados e que foi analisada com o intuito de observar se esses informantes, na oralidade, utilizam a norma de “prestígio” prescrita pelas gramáticas normativas ou utilizam as normas de uso, empregadas na linguagem informal.

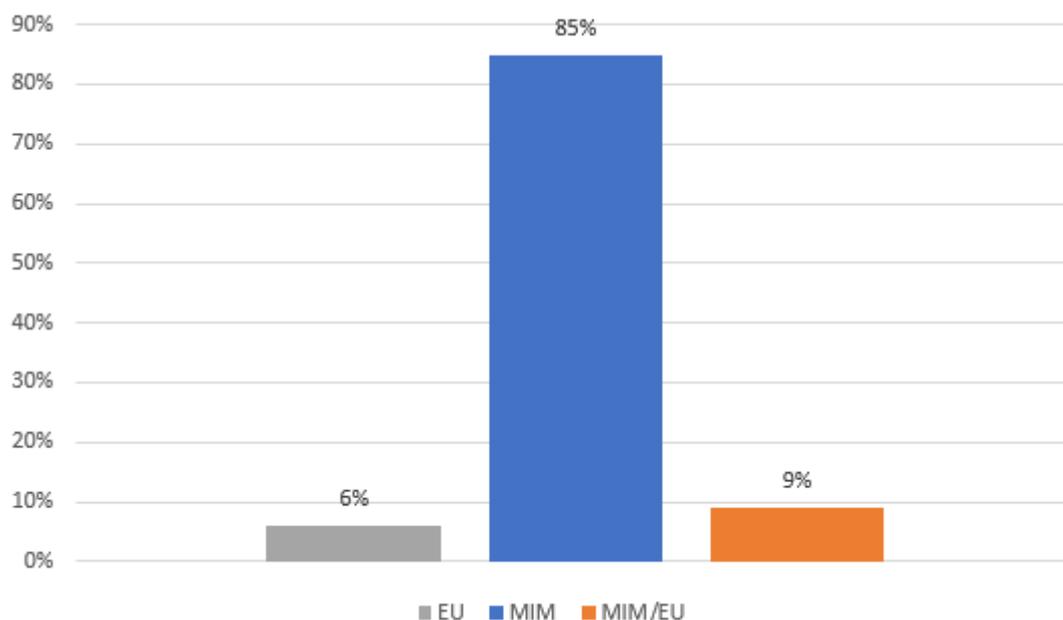
A tabela 5 apresenta o cômputo geral de todas as respostas sobre o fenômeno linguístico estudado. Nas entrevistas com os 12 informantes, foram documentados 34 registros na comunidade de fala de Jacobina-BA, distribuídos pelas duas variantes: *mim* (29 ocorrências) e *eu* (2 ocorrências). Foram registrados, ainda, três ocorrências das variantes *mim/eu*, ou seja, o mesmo informante registrou ambas as formas simultaneamente. Em dados percentuais, apresenta-se a seguinte distribuição:

Tabela 5. Total geral de ocorrências de uso das formas pronominais *mim*, *eu* e *mim/eu*.

Formas Pronominais	Ocorrências	Porcentagem
<i>EU</i>	02	6%
<i>MIM</i>	29	85%
<i>MIM/EU</i>	03	9%
TOTAL	34	100%

O gráfico 1 representa em porcentagem o número total de ocorrências obtidas nas entrevistas referentes ao uso das formas pronominais *mim* e *eu* exercendo a função de sujeito na oralidade dos falantes moradores do município de Jacobina-BA. O referido gráfico, ainda revela o uso de ambas as formas pronominais usadas pelos informantes.

Gráfico 1- Total geral de ocorrências de uso das formas pronominais *mim*, *eu* e *mim/eu*.



O gráfico 1 revela que, entre os informantes inquiridos, predomina a variante *mim*, representando 85% das respostas. A variante *eu* ocorre em 6% dos casos. Em um primeiro momento, conseguimos constatar que a utilização da forma pronominal *mim* na função de sujeito, considerada incorreta do ponto de vista da tradição gramatical, é muito superior do que o uso do pronome do caso reto *eu*, considerado como correto pela gramática prescritiva, na comunidade de fala de Jacobina-Ba.

Observa-se o registro simultâneo de ambas as variantes 9%, pelo fato de os entrevistados alternarem no uso das duas formas. Percebemos também, que alguns informantes utilizam ambas as formas pronominais desempenhando a função de sujeito, na fala. Nesta entrevista, notamos que alguns informantes, mesmo conhecendo a norma prescritiva, referente ao uso das formas pronominais, usam em maior proporção a forma estigmatizada *mim* como sujeito da oração na oralidade.

3.5.2 CONTEXTO EXTRALINGUÍSTICO

Neste subtópico, analisamos o comportamento das variáveis sociais referentes ao fenômeno do uso das formas pronominais *mim* e *eu* na função de sujeito, considerando a teoria variacionista.

3.5.2.1 A VARIÁVEL SEXO

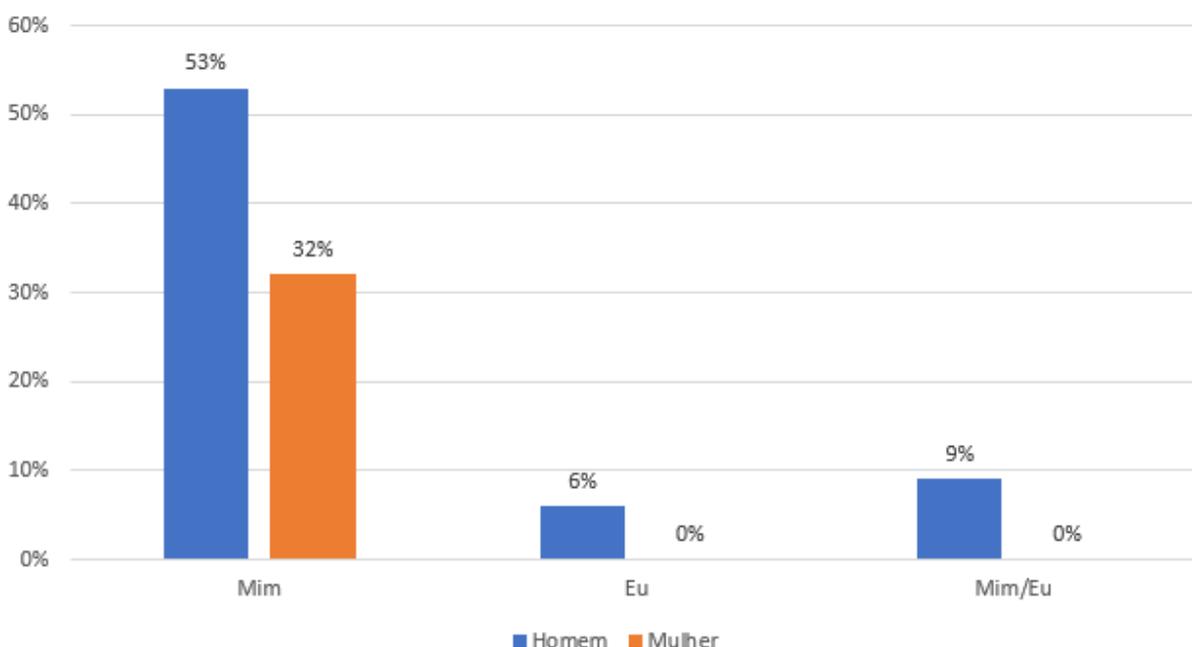
Na tabela 6, percebe-se que, nos resultados relacionados à variável sexo, tanto homens quanto mulheres apresentam predomínio do uso da variante *mim*, mas com grau de significância relevante. Na fala das mulheres, a forma *mim* aparece em 32% das ocorrências. Já os homens utilizaram mais a forma *mim*, que diz respeito a 53% das ocorrências. A variante *eu* corresponde à fala de 0% das mulheres e de 6% dos homens. O uso das duas formas concomitantemente (*mim/eu*) foi registrado em 0% das ocorrências das mulheres e em 9% das ocorrências dos homens.

Tabela 6: Produtividade das respostas considerando a variável sexo

Sexo	Ocorrências			Porcentagem		
	Mim	Eu	Mim/Eu	Mim	Eu	Mim/Eu
Homem	18	02	03	53%	6%	9%
Mulher	11	00	00	32%	0%	0%

No gráfico 2, encontrar-se-á o número em porcentagem de ocorrências obtidas nas entrevistas, considerando a variável sexo, referentes ao uso das formas pronominais *mim*, *eu* e *ambas as formas* na fala dos moradores de Jacobina-BA.

Gráfico 2: Produtividade das ocorrências considerando a variável sexo.



Conforme exposto no gráfico nº 2, no tocante a variável sexo, observou-se na entrevista entre homens e mulheres, que há uma predominância por parte do sexo masculino nos usos das formas pronominais *mim*, *eu*, e ambas as formas desempenhando a função de sujeito, na fala dos informantes do município de Jacobina. Segundo observa-se nos trechos dos inquiridos transcritos *ipsis litteris* a seguir:

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária I, nível médio

Exemplo 1: uso do pronome *mim*

Entrevistador: E pra cantá? Porque o hino nacional é um hino um pouco grande e difícil, né? Então, muitas pessoas nem sabe cantar, então, como era, assim, pra você cantar o hino?

Informante: *Pra mim cantá* o hino, eu gostava de ficar com a folha na mão, só que a professora brigava, rapais num é pra ficá cantano cum a folha na mão.

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária II, nível universitário

Exemplo 2: uso do pronome *eu*

Entrevistador: - Tendo em vista, Robson, que hoje, a produção de textos é uma das grandes dificuldades de muitas pessoas. Como era pra você produzir textos naquela época da quinta série?

Informante: - Eu sempre tive muita facilidade na produção de textos, André. Inclusive, é, naquela época **para eu produzir** textos era bem tranquila, também. Desde muito novo, eu sempre gostei muito de iscrevê e isso permanece comigo até hoje, Ne? Eu gosto de elaborá textos, de produzí. Em fim, eu gosto de iscrevê. Desde muito novo foi muito tranquilo pra mim. O insino da época na iscola particulá, ajudou muito, me ajudô bastante, né? E u qui facilitô muito também essa, os professores estarem sempre com foco nisso. Intão, é, eu sempre cheguei e sempre fiz com muita tranquilidade, eu nunca incontrei dificuldades na produção de texto.

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária I, nível fundamental II

Exemplo 3: uso de ambas as formas pronominais

Entrevistador: - E como é que o senhor fazia para ir estudar? Como era pra você ir pra a escola?

Informante: *Pra mim ir* para a escola? Eu, quem me levava era meu pai, me levava de moto, né? ele trabalhava na moto táxi, ia me busca em casa e me levava para o colégio.

Pode-se inferir, pelos resultados obtidos e aqui expostos, que o sexo dos informantes exerceu, em certa medida, influência na escolha das variantes linguísticas. Embora homens e mulheres façam uso predominante da forma não padrão *mim*, o número de ocorrências obtidas na fala dos homens é maior em relação às mulheres. No entanto, no tocante ao uso da forma padrão e no uso concomitantemente de ambas as formas, percebe-se o uso em uma pequena proporção realizada pelo sexo masculino e nenhuma ocorrência do sexo feminino.

3.5.2.2 A VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA

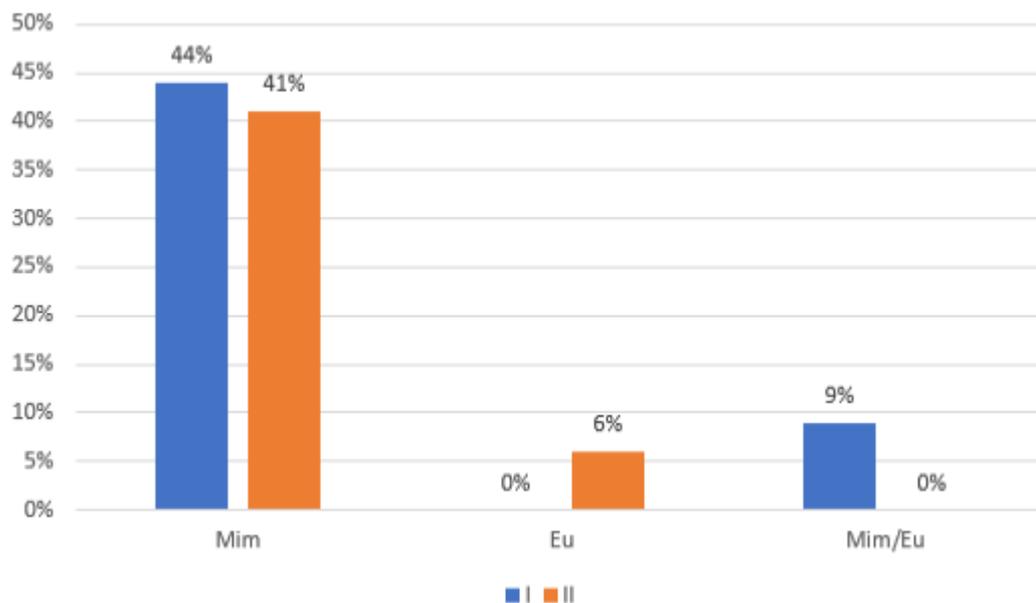
Conforme os valores dispostos na tabela 7, nota-se que os informantes das duas faixas etárias fazem uso majoritariamente da forma *mim*. Na faixa I, a variante predominou em 44% das ocorrências, enquanto 41% das realizações se encontram na fala dos informantes pertencentes à faixa II. A forma padrão *eu* tem um pequeno percentual de 6% na faixa II e, na faixa I, não obtivemos percentual algum. As formas usadas de maneira simultânea (*mim/eu*) estão presentes unicamente na faixa etária I com o número pequeno de 9%.

Tabela 7: Produtividade das respostas considerando a variável faixa etária.

Faixa etária	Ocorrências			Porcentagem		
	Mim	Eu	Mim/Eu	Mim	Eu	Mim/Eu
I	15	00	03	44%	0%	9%
II	14	02	00	41%	6%	0%

No gráfico 3, encontrar-se-á o número em porcentagem de ocorrências obtidas nas entrevistas, considerando a variável faixa etária, no tocante ao uso das formas pronominais *mim*, *eu* e ambas as formas na fala dos moradores de Jacobina-BA.

Gráfico 3: Produtividade das ocorrências considerando a variável faixa etária.



Conforme exposto no gráfico nº 3, em relação à faixa etária, observou-se na entrevista que entre homens e mulheres houve uma proximidade no uso da forma pronominal *mim* na em ambas as faixas etárias. No tocante a forma pronominal *eu*, há um emprego bem reduzido pela faixa etária II. Ainda ocorreram 9% do uso de ambas as formas na faixa etária I. Seguem os exemplos de acordo aos trechos dos inquéritos transcritos *ipsis litteris*:

(Jacobina – BA). Inf.: mulher, faixa etária II, nível fundamental II

Exemplo 1: uso da forma pronominal *mim*

Entrevistador: - Tendo em vista, Robson, que hoje, a produção de textos é uma das grandes dificuldades de muitas pessoas. Como era pra você produzir textos naquela época da quinta série?

Informante: - Eu sempre tive muita facilidade na produção de textos, André. Inclusive, é, naquela época **para eu produzir** textos era bem tranquila, também. Desde muito novo, eu sempre gostei muito de iscrevê e isso permanece comigo até hoje, Ne? Eu gosto de elaborá textos, de produzí. Em fim, eu gosto de iscrevê. Desde muito novo foi muito tranquilo pra mim. O insino da época na iscola particulá, ajudou muito, me ajudô bastante, né? E u qui facilitô muito também essa, os professores estarem sempre com foco nisso. Intão, é, eu sempre cheguei e sempre fiz com muita tranquilidade, eu nunca incontrei dificuldades na produção de texto.

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária II, nível universitário

Exemplo 2: uso da forma pronominal *eu*

Entrevistador: - Eu gostaria de sabê, como é, como era pra você brincá com esses colegas?

Entrevistado: André, na época, né, **pra *eu* bricá** com os colegas, é, bastava a gente saí na rua, a gente sempre se encontrava, a gente sempre se via, porque eram todos vizinhos, primos, principalmente, primos, amigos, ali, todos da vizinhança. Intão, a gente se reunia sempre, todos os dias, pra se divertir na rua. Essas brincadeira eram sempre im grupu, eram sempre em movimentos, sempre, é, com muita atividade. Eu sempre digo que a atividade física da época eram as brincadeiras. A gente tava sempre correno, sempre pulano de um lado pro outro. E hoje, as crianças já não fazem mais tanto isso, as crianças, hoje, ficam muito apegadas a jogos eletrônicos, a celular. As coisa que deixam a vida das crianças mais monótonas. No nosso caso, na nossa época, não. A gente brincava muito na rua, a gente jogava futebol, essas brincadeira que eu te falei. Então era muito mais divertido e muito mais saudável a vida na época, para todos nós, né? Para as crianças da época, é isso.

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária II, nível universitário

Exemplo 3: uso da forma pronominal *mim* e *eu*

Entrevistador: – Muitas pessoas têm, tem dificuldade de, de fazer contas, né? e por isso até que não gosta de matemática e, como era assim, pra você fazer essas contas de matemática?

Informante: - **Para *eu* fazer** as contas, assim, nunca tive muita dificuldade não. Sempre tive a cabeça, assim boa, para aprender as coisas rápido, assim, para decorá.

Entrevistador: - E como era pra você produzí, os textos? Pra produzí.

Informante: - **Para *mim* produzir** os textos, geralmente, eu pensava,né? Eu pensava, assim. E o qui vinha na cabeça, assim. Tivesse sentido no texto, eu ia iscreveno.

Com base nos números apresentados, pode-se afirmar que em relação ao uso da forma estigmatizada *mim*, a faixa I obteve uma pequena vantagem de 43% em relação a faixa II com 41%. A utilização da forma prescritiva *eu*, 6% da faixa II contra 0% da faixa I. O uso de ambas as formas *mim/eu* houve 9% de ocorrências da faixa I e nenhuma ocorrência da faixa II. Percebe-se uma pequena diferença na utilização de qualquer uma das formas, ao se considerar a variável faixa etária.

3.5.2.3 A VARIÁVEL ESCOLARIDADE

A tabela 8, exibida a seguir, constata que a escolaridade dos informantes, igualmente as variáveis analisadas, foi bem significativa.

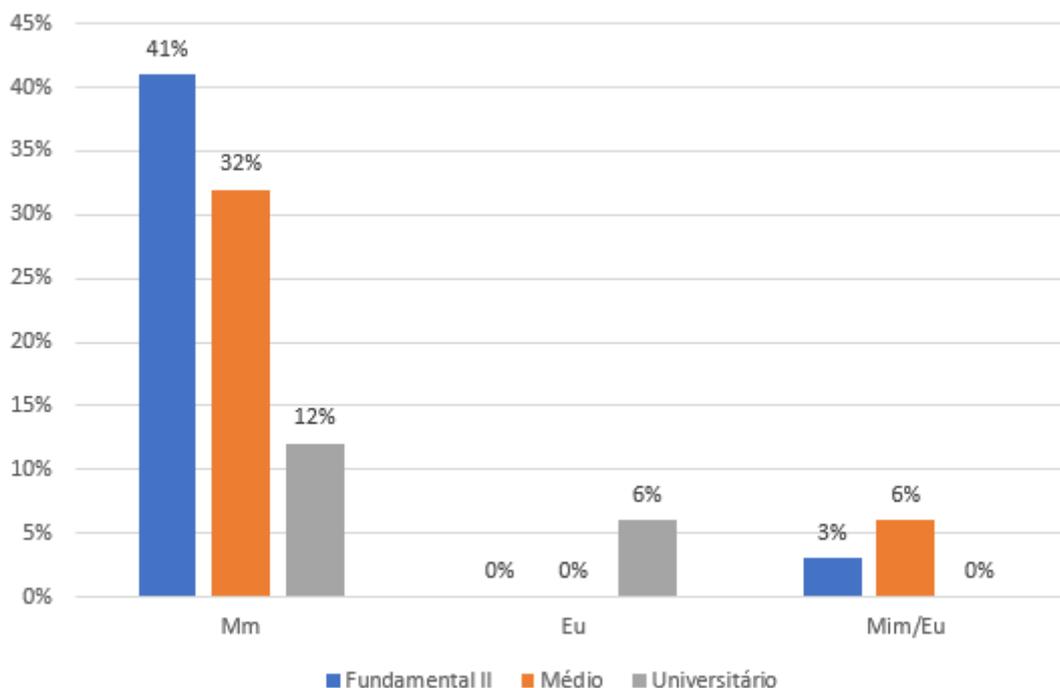
Entre os informantes de Ensino Fundamental II, predominou em 41% das ocorrências, a forma não padrão *mim*, ao passo que 0% dos informantes com este nível de escolaridade fizeram uso da forma padrão *eu* e apenas 3% utilizaram as duas formas concomitantemente. Em contrapartida, entre os informantes de Ensino Médio, a distribuição das variantes se apresenta da seguinte forma: 32% optam pela forma não padrão *mim*, 0% desses informantes empregam a variante padrão *eu*, e os outros 6% representam os que utilizaram as duas formas, *mim/eu*. No tocante aos universitários, 12% dos informantes utilizaram a forma estigmatizada *mim*, 6% optam pela forma considerada de prestígio e 0%, ou seja, nenhum usam as duas formas concomitantemente.

Tabela 8: Produtividade das ocorrências considerando a variável escolaridade.

Escolaridade	Ocorrências			Porcentagem		
	Mim	Eu	Mim/Eu	Mim	Eu	Mim/Eu
Fundamental II	14	00	01	41%	0%	3%
Médio	11	00	02	32%	0%	6%
Universitário	04	02	00	12%	6%	0%

No gráfico 4, encontrar-se-á o número em porcentagem de ocorrências obtidas nas entrevistas, considerando a variável escolaridade, no tocante ao uso das formas pronominais *mim*, *eu* e *ambas as formas* na fala dos moradores de Jacobina-BA.

Gráfico 4: Produtividade das ocorrências considerando a variável escolaridade.



Os resultados encontrados revelam que quanto menor o nível de escolaridade, maior é a utilização da variante estigmatizada *mim* desempenhando a função de sujeito na fala dos entrevistados e menor o uso da forma considerada de prestígio *eu na função de sujeito* corroborando a ideia de que a escola atua como preservadora das formas de prestígio. Seguem os exemplos de acordo aos trechos dos inquéritos transcritos *ipsis litteris*:

(Jacobina – BA). Inf.: mulher, faixa etária I, nível fundamental II

Exemplo 1: uso da forma pronominal *mim*

Entrevistador: Então, a gente sabe que naquele tempo, é. O acesso a jogos e brincadeiras ligado a internet, cum tablete, celular, computador era um pouco restrito, nem todo mundo tinha acesso aqueles jogos. Então, eu queria saber como era pra você brincar, naquela época? Você falasse um pouco, como era pra você brincar.

Informante: Bom, verdade, antes era pouca gente que tinha. Então, **pra *mim* brincá**, a gente. Eu brincava de pega-pega, esconde-esconde, esses tipos de brincadeira.

(Jacobina – BA). Inf.: homem, faixa etária II, nível médio

Exemplo 2: uso da forma pronominal *mim*

Informante: (...). - Eu fazia, chamava maioria dos colegas pra, pra jogar, pra jogar comigo, pra não jogar sozinho e de vez em quando dava briga. Rapais, de vez quando dava umas briguinha, porque em negócio de jogo si um perde outro ganha, tinha uns amigo mei afobado.

Entrevistador: - E pra, e pra você, assim, é, os colegas fazia o quê, pra você brigar?

Informante: - **Pra *mim* brigá**, rapais merecia u. Quando eu perdia , eu já ficava mei, mei nervoso.

(Jacobina – BA). Inf.: mulher, faixa etária II, nível universitário

Exemplo 3: uso da forma pronominal *mim*

Entrevistador: - Bruna, como você fazia pra ir para escola?

Informante: - Então André, **pra *mim* ir** pra iscola, eu tinha qui utilizar alguns meios de transportes. Inicialmente, eu ia de moto táxi, mas depois eu me mudei para um pouco mais longe e tive qui arranjá outro tipo de transporte pra podê tê acesso a minha iscola, porque, pelo fato de mora um pouco distante.

Através dos números apresentados, afirmar-se que em relação ao uso da forma estigmatizada *mim*, é a mais utilizada no discurso cotidiano dos moradores de Jacobina, independentemente de ser o falante possuidor do nível superior, médio ou fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em todas as informações de ordem linguística e social, aponta-se para a conclusão de um trabalho que teve como principal objetivo discutir e analisar, sob a perspectiva da variação e mudança, o uso das formas pronominais *mim* e *eu* exercendo a função de sujeito na comunidade de fala de Jacobina-Ba. Por meio do referido trabalho desenvolvido, conseguiu-se evidenciar alguns pontos que irão servir de embasamento para futuros pesquisadores que venham interessar-se pelo estudo de fenômenos linguísticos do ponto de vista da análise variacionista.

Outros estudos referentes ao uso das formas pronominais *mim* e *eu* na função de sujeito já foram realizados em outras regiões do Brasil. No entanto, no município de Jacobina-Ba, o estudo desse fenômeno mostra-se inédito. O tratamento realizado de cunho qualitativo evidenciou que a forma considerada informal, ou seja, não padrão (uso da forma pronominal *mim* desempenhando a função de sujeito na oralidade) é incomparavelmente, mais utilizada pelos informantes do que a forma considerada de prestígio (uso da forma pronominal *eu* exercendo a função de sujeito). Isso torna evidente que os falantes, moradores do município de Jacobina, têm uma tendência de usar no discurso informal, não policiado, a forma inovadora da língua, considerada não padrão. Por meio das análises estabelecidas, podem-se observar algumas considerações acerca dos resultados adquiridos da pesquisa.

Constatou-se que os fatores sociais obtiveram maior relevância do que os fatores linguísticos. Dessa forma, observou-se que os resultados adquiridos da investigação apontaram para o grupo de fatores referentes ao sexo como uma das variáveis mais significantes, tendo em vista que, na maioria das discussões da aplicação da regra, o fator sexo masculino favoreceu à aplicação da regra.

Assim, o referido fator confirmou a hipótese inicial que diz: os informantes do sexo masculino, da comunidade estudada, favorecem a aplicação da regra de uso da forma pronominal *mim* exercendo a função de sujeito no discurso informal, confirmando a correlação variacionista que mostra a discrepância no comportamento linguístico entre pessoas do sexo masculino e do sexo feminino.

No tocante ao fator (variável) escolaridade, a hipótese inicial referente ao nível de escolaridade, quanto mais elevado for o grau de ensino, menor seria o uso da forma

estigmatizada, foi ratificado. Dessa forma, constatou-se que o fator (variável) escolaridade influencia de forma relevante na redução do uso da forma pronominal *mim* exercendo função de sujeito, considerada, por muitos, um erro do ponto de vista da norma padrão.

Quanto aos resultados referentes à variável faixa etária, verificou-se que a hipótese inicial de que os falantes com mais idade utilizam em menor quantidade a variação não padrão da língua. Enquanto os falantes com menos idade fazem um maior uso da forma estigmatizada da língua.

A partir dos estudos da Sociolinguística, algumas formas de uso da língua portuguesa que eram consideradas como “erradas”, começaram a serem analisadas por outra ótica, como possíveis maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade e sem prejuízos na comunicação.

Dessa forma, percebe-se que, o uso das formas pronominais *mim* e *eu* exercendo a função de sujeito, na oralidade dos falantes do município de Jacobina- Ba, encontram-se em variação na oralidade. Observa-se, também, que muitas normas que são estabelecidas teoricamente pelas gramáticas consideradas de prestígio se distanciam muito na prática de usos da língua falada.

Para possibilitar um maior entendimento dos falares do português brasileiro, percebe-se, portanto, que se faz necessária a continuidade das investigações referentes às variações existentes na língua, tanto na fonologia, semântica e morfossintaxe. É preciso, ainda, levar em consideração o perfil dos falantes, os contextos linguísticos, sóciohistórico e cultural, buscando compreender a relação existente entre língua e sociedade.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com pesquisas futuras, na comunidade de Jacobina, no tocante a estudos na área da Sociolinguística e que possa, também, despertar o interesse referente a outros fenômenos linguísticos existentes na fala das pessoas residentes no referido município e outras regiões do Brasil.

Espera-se que, ainda, tais pesquisas possibilitem uma maior compreensão sobre a diversidade linguística e propicie em uma redução significativa em relação ao preconceito linguístico existente no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. (parte I) In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v. 1, São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**. 26 ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**/José Carlos de Azeredo. 2ª ed. - São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**/ Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**/ Evanildo Bechara. -2. ed. ampliada e atualizada pelo novo acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**/Ataliba T. de Castilho. -1. Ed., 4ª reimpressão – São Paulo: contexto, 2016.
- CEREJA, William Roberto. **Gramática reflexiva: volume único**/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 4. ed. reform. – São Paulo: Atual, 2013.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (Orgs.) **Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Rio de Janeiro. No prelo, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FIGUEIREDO, João Ricardo Melo. **Variação e Mudança no Uso do Sujeito de Primeira Pessoa do Singular em Orações Infinitivas Iniciadas por “para” na Fala Carioca**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2007, Dissertação de Mestrado em Linguística.
- FIGUEROA, Ester. **Sociolinguisticmetatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.
- FIORIN, José Luiz; **Introdução à linguística**. (org.). – 6.ed., 1º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.
- GUY, G.R.; ZILLES, A.M.S. **O ensino da língua materna: uma perspectiva sociolinguística**. Calidoscópico, v. 4, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2006.
- HORA, Dermeval da. (Org.). **Estudos linguísticos: perfil de uma comunidade**. Joao Pessoa: UFPB, 2004, pp.13-28.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

MENDES, Elisângela dos Passos. **A flexão de caso pronominal no *continuum* do português popular da Bahia** / Elisângela dos Passos Mendes. - 2016. 270 f.: II.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**/ Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, (orgs.). - 4 ed., 4º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

NARO, A.J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**/ Maria Helena de Moura Neves. - 2.ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da, 1915- **Gramática normativa da língua portuguesa; curso médio**; prefácio de Serafim da Silva Neto. 26. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.

TARALO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VÄÄNÄNEN, Veikko. **Introducción al latín vulgar**. Madrid, Gredos, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.